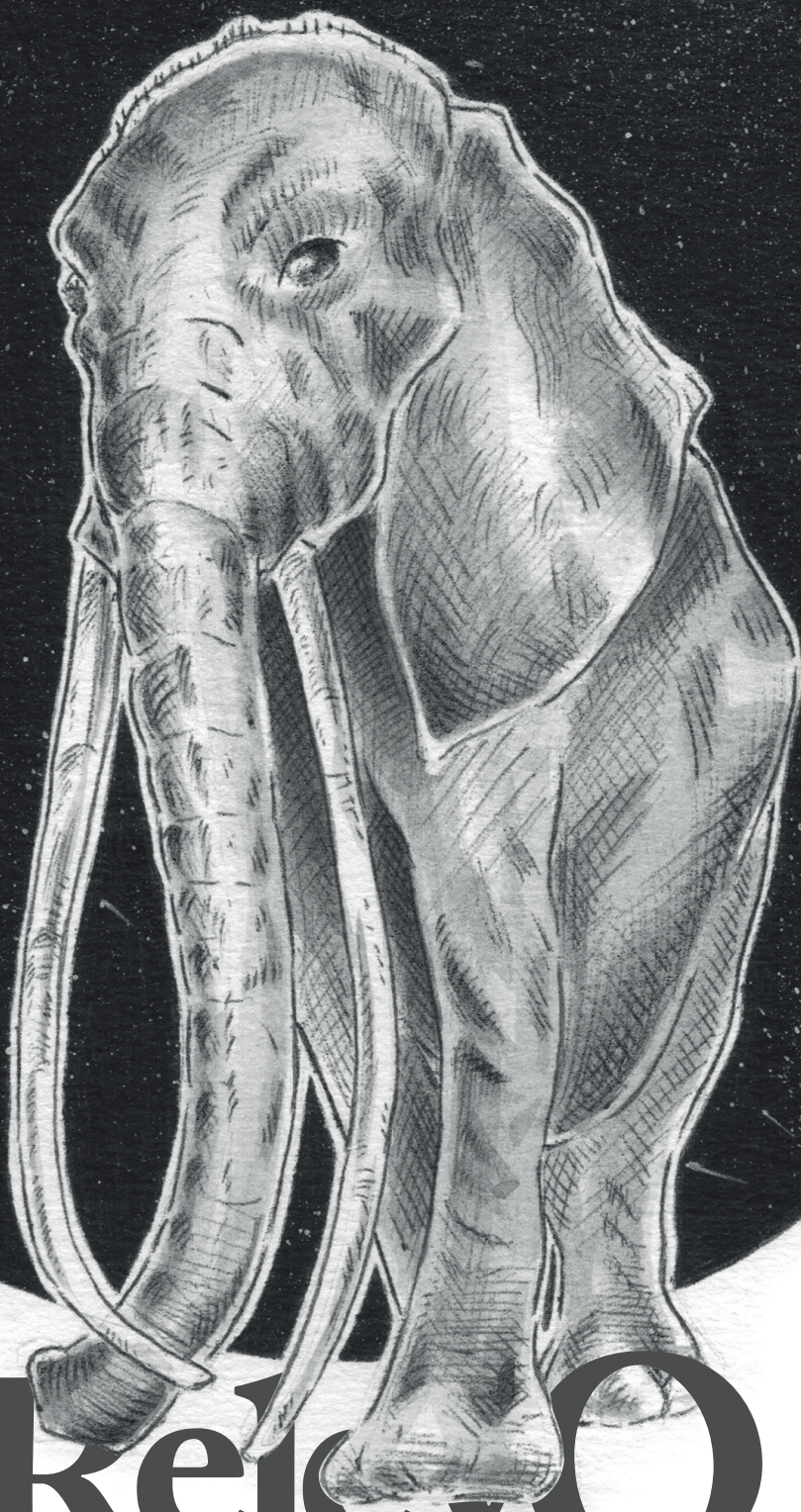


Periódico literário independente feito em Curitiba-PR desde setembro de 2010
ISSN 2525-2704 · n. 6, a. 16 · Fevereiro de 2026

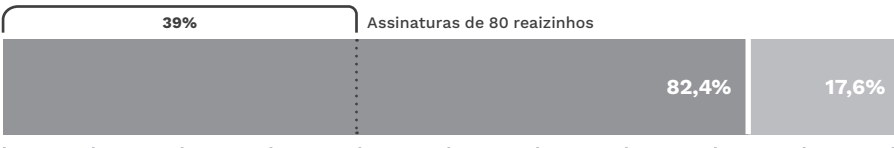


Relevo



DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA



ASSINATURAS R\$ 8.240

R\$ 25 Taciana Boni; R\$ 50 Paulo Berri; R\$ 80 Luiz Henrique Kultzak; Eliss de Castro; Jaider Luiz Silva; Leonardo Migdalski; Rodolfo Selva; Luiza Gimenez; Leonardo Triandopolis Vieira; Felipe Montrucchio; Jéfte Amorim; Vítor de Lerbo; Rhuan Cruz Barros; Bruno Santana; Massanori Takaki; Max Leite; Mariela Mei; Arnaldo Neto; Basílio Baran; Eliza Espinoza; Jaqueiuto da Silva Jorge; Gabriela Ramos Fraga; Snider Washington Diniz Marques; Catarina Resende; Isaac Sauer; Tamiris Volcean; Pedro Eilert; Viviane Soares; Telmo Belizário; Camila Passatuto; Gleidston Alis; L.C. Marinho; Max Martins; Alexandre Duim; Osmar Mantovani; Brenno Costa; Estêvão Machado; Lucas Froguel; Gilberto Oliveira Jr.; Adérito Schneider; Camila Sirtol Parreira; Eduardo Betinardi; Heros Fanini; Michel Pinheiro Gomes; Marina Ruiz; Edson Neto; Márcio Aurélio Soares; Mariana Moutella; Juliana Vilela; Ana Magna; Rute Ferreira; Monica da Silva; R\$ 100 Madelon Schizzi; Rafael Zaina Gonsalves; Leda Lopes Calixto; Sandro Dalpícolo; Letícia Copatti Dogenski; R\$ 105 Sabiá Discos; R\$ 120 Mateus Alves Nedbajluk; Bárbara Silva Viacava; Paulo Parucker; Iuri Victor Romero Machado; Domingos Pellegrini; Gilberto Arsuffi Filho; Yvana Merino; Hugo Giazzi Senhorini; Matheus Chequim; R\$ 140 Alexandre Dieter Mussiat; R\$ 160 Damaris Pedro; Juliana Berlim; Sonia Prota; Gabriel Ferreira; Isabela Montello; Eduardo José Nicolau Feliz; Felipe Hoff; Marina Domingues; Letícia Helena Prochnow; João Gabriel Oliveira; Pedro de Almeida Álvares; Mateus Mamani; Raquel Duarte De Freitas; Pedro Duarte; R\$ 180 Rômulo Cardoso.

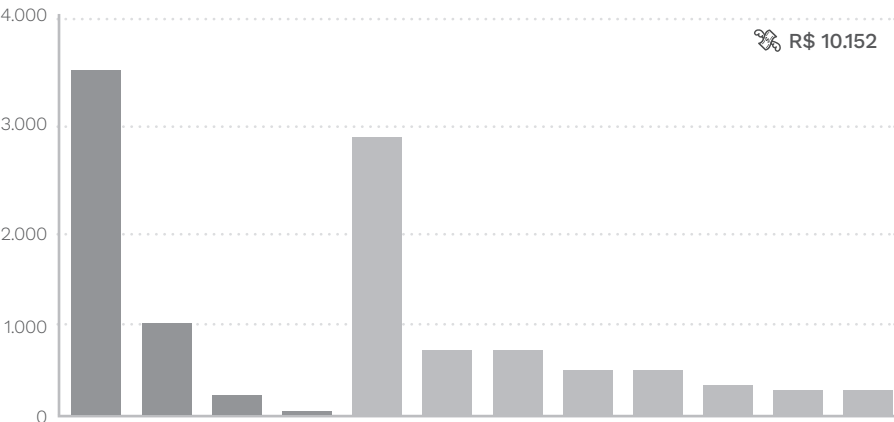
ANUNCIANTES R\$ 1.770

R\$ 50 O Alienígena da Amazônia; Rede Macuco; R\$ 70 Luiz Gustavo Vicente de Sá; Dito & Escritos; R\$ 100 Museu do Livro Esquecido; André Giusti; R\$ 150 Coruja Buraqueira Livraria & Café; Luciano Chinda Duarte; R\$ 180 Nostalgia Sebo e Livraria; R\$ 200 Karla Baptista; Voe Comunicação; R\$ 450 Maniacs.

CONSULTORIAS R\$ 0

DESPESAS DO MÊS

CUSTOS ADMI. E VARIÁVEIS		CUSTOS FIXOS		
Correios R\$ 3.517	Transporte R\$ 200	Gráfica R\$ 2.830	Editor-assistente R\$ 450	Serviços editoriais R\$ 250
Papelaria R\$ 800	Domínio mensal R\$ 45	Mídias sociais R\$ 650	Serviços gráficos R\$ 450	Serviços logísticos R\$ 250
		Colaboradores de janeiro R\$ 660	Escritório R\$ 300	Editor-executivo R\$ 0



VAMOS CONFERIR O “ROMBO”

- Entradas totais: R\$ 10.090
- Saídas totais: R\$ 10.152
- Resultado operacional: R\$ -62



EXPEDIENTE

Fevereiro 2026



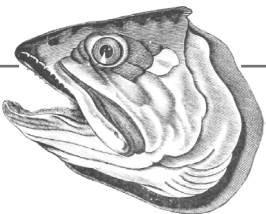
Editor Daniel Zanella
Editor-assistente Mateus Ribeirete
Ombudsman Priscila Branco
Revisão Às Vezes
Projeto gráfico Bolívar Escobar
Logística Damaris Pedro
Advogado Rafael Estorilio
Impressão Gráfica Exceuni
Tiragem 5.000

NESTA EDIÇÃO

Nícolas Wolaniuk p.6 Mylena Queiroz p.10
Tamiris Volcean p.16 Adérito Schneider
p.18 Igor Luchese p.20 Saki (Trad. de Demian
Gonçalves Silva) p.21 Edgar Scandurra contracapa

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau



Edição finalizada em 28 de janeiro de 2026.



DAS OBRAS

As ilustrações desta edição são de Juliana Vilela. Você pode conferir mais do trabalho dela em [instagram.com/julianavilelajj](https://www.instagram.com/julianavilelajj).



TIPOGRAFIA

A fonte usada para os títulos desta edição é a Zenon, desenvolvida pelo tipógrafo italiano Riccardo Olocco.

ASSINE / ANUNCIE

O Relevo não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.



PUBLIQUE

O Relevo recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O Relevo recebe ilustrações. O Relevo recebe fotografias. O Relevo aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.





CARTAS

CORREIO ENTREGANTE

Rebeca Scheifer • Jornal! Meu Jornal! Em 2025, aconteceu algo surpreendente: comecei a namorar! Um loiro alto, nada ortodoxo, bateu à minha porta e eu abri — abri porque sou toda boba e me apaixonei por um estranho. Estranho esse que me pediu nome completo, CPF e e-mail, dizendo para eu não perguntar o porquê, já que seria uma “surpresa de Natal”. Como confio nesse homem de olhos fechados, passei tudo. Passaram-se algumas horas e chegou aquela notificação clássica do banco sobre um boleto no meu nome, logo em seguida, o comprovante no meu e-mail: a assinatura do **RelevO** por um ano! Ainda faltava um tempinho para o Natal e eu quis manter o segredo para não frustrá-lo, só que, quando vocês me mandaram um e-mail pedindo o meu endereço, não aguentei mais guardar o segredo e contei tudo para ele. Acontece que ele havia ajudado o meu sogro que me tirou no amigo secreto a escolher o presente. Não nos aguentamos de rir, já que ele simplesmente não lembrava que essas coisas são notificadas e a surpresa tinha ido por água abaixo, mas garanto que fiz a melhor reação de surpresa de todas. Enfim, estou animada! Ganhei a assinatura do Jornal por um ano e uma máquina de escrever — que meu namorado também achou que seria surpresa, mas eu vi quando ele falou com o vendedor na Feira do Largo. Me divirto demais com ele, é um amor de pessoa. No próximo mês, vou para um projeto com ribeirinhos lá em um cantinho do Pará. Vou levar o Jornal comigo e espalhar a palavra do **RelevO**!

ÀS VEZES NEM TANTO

Gabriel Rocha • Jornal. Só pra vocês saberem: ontem e anteontem chegaram três pacotes, kkkk. Envios do início e do final de dezembro. De fato, os Correios estão de brincadeira... Mas também significa que o envio regular tá rolando! Quem sabe com menos demanda, agora funcionem melhor os envios. Abraços!

Carlos Pessoa Rosa • Década de 80, eu fazia o MeioTom no DOS, enviava pelos Correios, tiragem de 1.000 exemplares, distribuía, gratuitamente, 20% para o exterior, impresso, pagava do próprio bolso. Com o tempo, ficou inviável. Época em que os Correios funcionavam e os preços eram acessíveis.

Graziela Pachane • Nunca culpem o gato pelos atrasos! Ele senta ali justamente para mostrar que o envelope chegou! E se sumiu, não foi ele. Perderia a caminha pra quê?

Iata Anderson • Gente, na moral. Eu amo o **RelevO** demais. Acompanho há uns 12 anos. Vi o Jornal mudar em formato, número de páginas, escolhas editoriais e uma coisa me chama a atenção: nunca me pareceu perda, só melhora. Fico pensando em que momento uma decisão editorial deixa de ser ajuste e vira identidade. Como já disse em mil mensagens, rumem, **RelevO**. Que os Correios, o financeiro, o Trump ou qualquer outra entidade caótica não possam parar essa produção. P.S: se algum dia, por humor ou loucura, criarem o Ombudsman Por Uma Edição ou Por Uma Página, avisem pra que eu me inscreva.

Eduardo Moraes • Queridos, boa tarde. Passando para avisar que a edição de dezembro ainda não chegou. Sei que ainda pode chegar, mas quis confirmar com vocês. Abraço e feliz Natal!

UPDATE

Eduardo Moraes • Prezado Jornal, bom dia. Passando para avisar que as edições de dezembro e janeiro chegaram em duplicidade. Deixarei, como de costume, na Livraria Berinjela, aqui no Centro do Rio de Janeiro. Quando descobri que a livraria era um dos pontos de distribuição do Jornal, fui lá saber se eles recebiam os antigos. Uma das funcionárias, muito simpática, me disse com um sorriso que eles teriam um bom destinatário: um senhor que, aparentemente, sempre passa lá para

buscar o **RelevO**. Achei que valia a lembrança, além do aviso da duplicidade. Um abraço!

POESIA

Andrey dos Santos

Examinadores de Merda.
Classificam bosta.
São doutorados em merda.
Sorte para ti.

Duda Ribeiro • Olá, **RelevO**. Espero que estejam bem na medida do possível neste mundo. Primeiramente, quero parabenizar o trabalho de vocês. Cada e-mail e post que chega a mim é belo e criativo. Isso é bem distinto, vocês devem saber, mas é bom reafirmar. Merecem parabéns constantes, embora eu geralmente esteja sugado o suficiente para não ter a energia para expressar essa gratidão na intensidade e frequência que merecem.

SEM COMIC SANS

Dazi • Deixem-me usar Comic Sans!!! A política editorial convencional tem suas regrinhas básicas e detalhadas de espaçamento, de fontes usadas, de tamanho das fontes e tudo isso em nome da clareza, do profissionalismo, da seriedade, mas a escrita, enquanto a atividade criativa de extensão do autor e expressão, é castrada nessas limitações. O uso de fontes diversificadas em um texto criativo pode facilmente servir a um propósito artístico inestimável e determinar diretamente regras de fonte e recursos visuais na literatura é ruim. Eu mesmo gostaria de trabalhos mais experimentais, jogar mais com o uso de tal ou tal fonte, mas era obrigado a usar esta velha Times New Roman ou, pior ainda, uma Arial. Homogenizar as fontes, que poderiam ser um recurso visual que pouco temos na escrita, é genuinamente revoltante, especialmente se considerarmos escritores experimentais, surrealistas ou só criativos num geral. Não é só sobre a Comic Sans e sim sobre até as mais inconvençonais fontes que muitas vezes se adequam a um personagem falando ou pensando, a uma reação, uma situação, uma cena ou cenário, ou atmosfera. Então esse texto, para além de uma breve choramingada e desabafo, é também um manifesto político pelas liberdades poéticas nas revistas e campos editoriais, em especial, gringos e yankees que monopolizam mercado. (E um apelo ao Jornal, para o caso de publicação, **NÃO HOMOGENIZAR MINHAS FONTES ESCOLHIDAS PARA A COMPOSIÇÃO**).

Liana Albuquerque Zeni • Bom dia! Estou muito honrada com a publicação do meu poema “Ode à Besta Adormecida” na edição de janeiro de 2026. Desejo-lhes muito sucesso! Meus sinceros agradecimentos!

João Victor Fiorot • Boa tarde e bom ano novo, Jornal. Depois de “ler” a edição de janeiro, queria dizer à Sra. Minerva que “Sossego da Vovó” me deixou muito feliz e ao Maurílio Montanher que “Cláusula Mágica” me tirou uma risada sincera. A felicidade que for possível pra todo mundo aí.

Isloany Machado Quero gastar a ocasião pra dizer que vi meu e-mail na parte das cartas e que, se eu soubesse que ia parar lá, tinha aproveitado pra fazer propaganda grátis dos meus livros, como os outros coleguinhas fazem... Brincadeirinha, acho justo que o Jornal receba pra isso, não quero que declarem falência por ter assinantes muquiranas.

DAS RECUSAS

Jorge Cardoso • Olá, querido Jornal. Eu é que lhe agradeço por não ter publicado. Parei de escrever e deletei todos os meus contos, livros, o blog, etc. Aquele escapou porque os enviava em mensagens automáticas pelo Gmail. Nem me dei conta. Bom, depois de certa época, a vergonha de escrever esse tipo de material deveria ser compulsória. Agradeço também pelas divertidas edições das quais participei! Desejo que sigam em frente com redobrada determinação.

Bruno Marques • Qual é a vossa política [sic] de publicação? Por que nunca acerto, mesmo em textos que abordo questões que aparentemente o Jornal trabalha? Especifiquem o erro.

Mônica Viana • Bom trabalho para vocês... e que 2026 traga bons ventos a todos nós. A ousadia do seu jornal é extraordinária. Abraços de uma fã do MS.

Fernanda Ramires de Carvalho • Há edições do **RelevO** nas quais não sei dizer se abri um jornal ou as portas de um prostíbulo... Obs: São as minhas favoritas, adorooo!

Rinaldo Batista Pereira • Boa noite, caros. Leio este Jornal faz algum tempo. Sou agraciado todo mês com leituras fascinantes, engraçadas, esclarecedoras. Mas tenho uma mania, a princípio boba: ao abrir o Jornal, vou direto no quadro de despesas do mês para ver o resultado operacional. Em regra, aparece -R\$ 200 e tantos. Ao mesmo tempo que me entristece sempre a entrada ser inferior à saída, fico feliz por vocês não jogarem a toalha. Vocês precisam de nós para continuar a publicar, mas nós precisamos muito de vocês para manter a lucidez neste tempo tão infame neste mundo, especialmente em nosso país. Precisamos de cultura e de escrachos para sermos felizes. Comecei hoje a ler a edição de dezembro e fiquei até aliviado: “só” - R\$ 25. Grato pelo esforço de se manterem vivos.

Fernando Antônio Fonseca • Olá, toda a equipe editorial do **RelevO**. Parabéns pela ininterrupta sequência de 200 edições deste periódico mensal, um jornal de resistência, que resiste (e não desiste), de sua linha editorial e de sua conduta “amadora” e incorruptível. Abraços!

André Giusti • A propósito: aquele conto publicado na última edição de dezembro, do colega de trabalho inconveniente, é muito bom, gostei bastante.

Marcelo Salles • Assinem o **RelevO**! É muito bom, é bonito e é impresso. E ainda é barato! Coloque a mão no bolso (ou no mouse) e faça um bom investimento para 2026 😊

Taize Odelli • Hoje vou pular as dicas, galera. Só quero avisar que, pela primeira vez na minha vida, tive um conto publicado em um veículo impresso, como acontecia com os escritores antigos. Saiu um conto meu no **RelevO** de outubro e já deixo a dica para vocês assinarem e lerem esse jornal deveras inteligente.

Luís Felipe Mayorga • Eu apóio a ideia de tirinhas no Jornal. E digo mais: precisam ser tirinhas exóticas e selvagens. daquelas que parecem ter sido criadas sem filtros e sem medo no verso de uma folha xerocada por um estudante entediado durante uma aula. Tirinhas que sejam um tapa na cara do leitor, a mão não-lavada de um caminhoneiro que acaba de sair do banheiro de um posto sem bandeira em uma rodovia estadual esburacada, esquecida pelo Poder Público. Talvez o Jornal não esteja considerando seriamente essa possibilidade, mas acredito que os autores de tirinha deveriam enviá-las MESMO ASSIM para apreciação e possível convencimento.

BEM BARATINHO

Chris Tedesco • Boa noite, Jornal. Tudo bem? Eu estou precisando de bastante jornal pra um trabalho artístico. Por acaso, vocês têm alguma sobra de lotes antigos que poderiam me ceder? Ou vender baratinho?

René Licht • Recebi a edição postada no início de dezembro. Ainda bem que havia recebido uma outra, registrada. Viva os Correios!

Maria Raquel • Levei o RelevO de janeiro pra minha mãe ler. Ela é uma apaixonada por boa leitura. Curtiu muito. Vou levar as edições anteriores ☺ Fiquei muito feliz. Minha mãe não aprova qualquer texto...

Jefte Amorim • Sempre que leio sobre os movimentos de assinatura e reações de assinantes, penso sobre como as pessoas interagem com o **RelevO** numa lógica de consumo — enquanto, pra mim, é uma relação de afinidade. De verdade, eu não espero excelência logística de uma publicação impressa pela qual pago R\$ 80 por ano. Eu espero coragem, dignidade, ousadia e transparência. E isso tem havido de sobra...

Iuri Machado • O **RelevO** é, a cada dia, mais imprescindível! Num mundo em que cada vez as pessoas leem menos, em que a inteligência artificial substitui a capacidade de raciocínio, poder ler este jornal com calma é de um alento inigualável!

Gustavo • Olá, um excelente 2026 para este jornal literário! Onde eu consigo fazer a leitura do poema “Michelle”, de Rodrigo Madeira.

Rozana Gastaldi Cominal • O jornal em mãos é uma baita provocação para quem não sabe ler longe dos algoritmos. A continuidade em manifesto vivo que contraria a lógica da velocidade, gosto disso.

Matheus Lianda • É um prazer poder colaborar e distribuir pela Bonnie Book Livraria & Café, estou adorando cada edição!

TRETA DOS PALAVRÕES

Beatriz Cagliari • Se não é sobre uma tragédia não pode incomodar? Linha corrida, versos... onde mais estariam? 😊 Já parou pra pensar que pode ser porque estão sendo usados sem qualquer sentido maior que faça a diferença dentro do texto, e não aleatoriamente jogados pra parecerem “disruptivos”, “descolados” gratuitamente? Existem tantos textos belíssimos cheios de palavrões na literatura brasileira, mas são geralmente de autores consagrados, que sabem escrever literatura. Não vou renovar minha assinatura, nem publicar o anúncio que estava preparando. Mas desejo todo o sucesso do mundo ao **RelevO** e tenho certeza que muito em breve serão o jornal literário mais importante deste país, afinal, mais do que péssimos escritores, o Brasil tem péssimos leitores. Ah, minha querida ombudsman, sua resposta à minha reclamação está incompleta. Você leu tudo? E quanto à quantidade excessiva de textos eróticos num jornal que tem sido cada vez mais lido por adolescentes de 14 anos ou menos? Isso você não comenta, né? Bom, nada disso é problema meu —nem deveria ter falado nada. Um grande abraço a todos!

Priscila Branco • Querida Beatriz, agradeço por trazer sua leitura. Discordâncias também fazem parte do diálogo que um jornal literário independente se propõe a sustentar. Acredito que o lugar da literatura deva ser, antes de tudo, o da liberdade e da experimentação, o que inclui o uso de diferentes registros de linguagem, sejam eles polidos ou não. Quando falamos em independência editorial, falamos justamente da possibilidade democrática de circulação de múltiplas vozes e formas de escrita. Algumas dessas vozes certamente não nos agradarão (por motivos estéticos, éticos ou pessoais), mas isso, por si só, não pode ser critério de exclusão ou censura. Quanto à ideia de “boa literatura” associada apenas a autores consagrados, creio que não seja do interesse de um jornal como o **RelevO** reproduzir apenas o já legitimado, mas também abrir espaço para o que emerge pelas bordas do contemporâneo. É nesse risco, e nessa diversidade, que reside nosso compromisso com a democracia literária.



Entre margens, linhas
e espaços em branco,
a ideia se imprime.



- Diagramação editorial
- Redes sociais
- Eventos



voe.comunicacao

voecomunicacao.com.br

EDITORIAL

Autofricção

Temos pensado cada vez mais no conceito de fricção de conteúdo.

Não é preciso grande sofisticação intelectual para perceber que as plataformas digitais são desenhadas para reduzir ao máximo qualquer esforço do usuário. O consumo se torna automático, contínuo e difícil de interromper. Essa fluidez não é neutra. Ao eliminar pausas, escolhas e obstáculos, as redes sociais — principalmente — deslocam o leitor de uma posição ativa para uma condição de resposta quase reflexa. O que se perde nesse processo não é apenas atenção, mas a possibilidade de decisão consciente e de descoberta não mediada.

Ao priorizar recompensas rápidas e repetitivas, as redes sociais empurram o usuário para a gratificação imediata e para conteúdos previsíveis, confortáveis e ajustados a preferências já mapeadas. A agência individual é substituída por sugestões constantes em uma roda de hamster de conteúdo capaz de enlouquecer até o mais lúcido dos mortais. O esforço deixa de ser parte da experiência e, com ele, desaparece também uma dimensão fundamental da leitura: a de confronto, desacordo e risco. E o que isso tem a ver com o **RelevO**?

Pois bem, a experiência do impresso surge como um contraponto deliberado a essa lógica. A escolha pelo analógico, pela leitura sem notificações, pela curadoria humana e pelo tempo mais lento recoloca a fricção como parte do processo. Não se trata de criar dificuldades artificiais, como se praticássemos uma espécie de autofricção, nem de defender um purismo estéril no sentido de que passamos incólumes pelo trânsito da vida — até porque temos anúncios também —, mas de recusar a ideia de que a experiência precisa ser lisa, eficiente e imediatamente agradável. Também não buscamos produzir edições neutras, higienizadas ou pensadas para cumprir uma função pedagógica genérica, ainda que saibamos que leitores jovens, muitas vezes fora do radar das boas intenções adultas, acabam encontrando o jornal por conta própria.

Essa fricção editorial, no entanto, não se confunde com barreira de acesso. Se o conteúdo exige tempo, escolha e disposição, a circulação

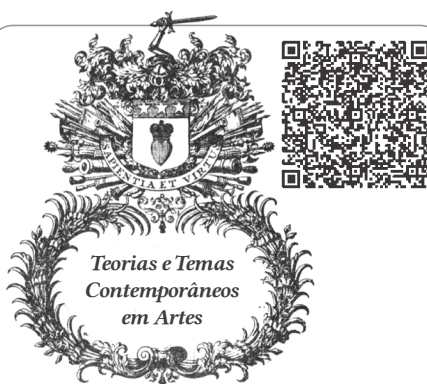
precisa ir no sentido oposto. Desde a primeira edição, em setembro de 2010, a distribuição é uma preocupação central do nosso projeto. Atualmente, chegamos, sem custo para os pontos culturais, em mais de 350 locais.

À primeira vista, enviar jornais gratuitamente para pontos de leitura pode parecer contraditório em relação ao modelo de assinaturas. Na prática, ocorre o inverso. São justamente os assinantes que viabilizam que o **RelevO** chegue a cidades distantes dos grandes centros, circule em livrarias independentes, cafés e sebos, e seja encontrado por leitores que talvez não o buscassem ativamente. Um jornal que se pretende vivo precisa se descentralizar, isto é, existir tanto na leitura individual como na experiência coletiva, no encontro fortuito e na recomendação informal.

Hoje, essa rede começa a ultrapassar fronteiras. A partir de fevereiro, o Jornal passa a circular também em dois pontos internacionais, ambos localizados em regiões de fronteira com o Brasil. Não se trata de expansão como fetiche — é o que o editor jura —, mas de coerência com a ideia de acesso. Se o conteúdo resiste à lógica da fluidez fácil, a circulação precisa resistir à concentração. O **RelevO** exige que o leitor pare, folheie, escolha, atravesse páginas, goste e rejeite textos. Não há algoritmo decidindo o que vem a seguir nem promessa de conforto contínuo. Essa fricção não busca afastar leitores nem comprometer a sustentabilidade do projeto. Partimos do entendimento de que ler é uma experiência que envolve provocação, contradição e alguma resistência à passividade imposta pelo ambiente digital.

Em um mundo desenhado para reduzir o atrito e preservar a anestesia, o **RelevO** pode, de fato, causar incômodo. Já perdemos assinantes por conta de um estilo menos polido e menos conciliador. Ainda assim, partimos do pressuposto de que existam leitores interessados em uma experiência que se organiza não só para agradar, mas também para tensionar, gerar algum tipo de impacto. Buscamos leitores dispostos a aceitar a dificuldade inerente de existir, ler e pensar. Leitores convictos de que esse esforço vale a pena.

Uma boa leitura a todos. ®



O curso livre Teorias e Temas Contemporâneos das Artes tem como objetivo promover uma compreensão crítica das teorias, práticas, instituições e sistemas de circulação da arte contemporânea, analisando os modos pelos quais a arte se constitui como produção simbólica, prática social, campo institucional, atividade laboral e espaço de disputa política, cultural e econômica no mundo contemporâneo.

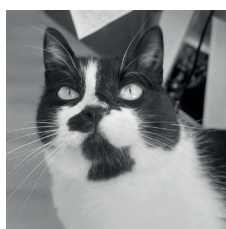
Com carga horária composta por 12 aulas presenciais de 3 horas, acrescidas de 2 horas de atividades e estudos a distância, o curso será realizado aos **sábados**, das 8h30 às 11h30, a partir de 7 de março.

Quem: **Luciano Chinda Doarte**, professor, historiador, artista e gestor cultural
Onde: **Teatro Municipal Ernani Zetola**, em São José dos Pinhais-PR
Inscrição via <https://shre.ink/5rpx>

URGENTE

Aaaaah! Um enorme terremoto está acontecendo! Com erupções vulcânicas e essas coisas.

Use o poder do seu livre-arbítrio para tomar uma decisão:



Alternativa A

Assinar o Jornal RelevO e salvar Toninha, a gata

Alternativa B

NÃO assinar o Jornal RelevO e salvar o bilionário Elon Musk



O pessoal está ansioso para saber sua escolha!

contato@jornalrelevo.com

www.jornalrelevo.com



APOIADORES



BANCA TATUI

bancatui.com.br / Desenho por Ángela León



Nostalgia

Sebo e Livraria

@nostalgiaselivraria

Cacoal-RO

VALE ALGUMA COISA

Apresente este vale para alguém e ganhe alguma coisa

RelevO



Um jornal para o futuro

Priscila Branco

Impossível começar esta coluna sem comentar as interessantíssimas colagens de Bobby Baq, que ornaram a capa e as páginas da edição de janeiro. Ao mesclar partes do corpo humano com animais, pedras ou plantas, o artista nos convida a olhar a natureza e o ser humano como uma coisa só, reflexão muito importante em tempos de aquecimento global, barbárie capitalista e desastres climáticos. A literatura e a arte podem não conseguir salvar o mundo do cataclisma ou de um iminente apocalipse zumbi, mas certamente conseguem nos incitar a ter responsabilidades individuais e coletivas perante a situação mundial. Os bichos, as flores e as rochas, em suas colagens, também participam do beijo, da meditação e do trabalho, elementos da vida em sociedade. Nesse sentido, a natureza se insere no que chamamos de racionalidade ou construção meramente humana, mesmo que arrogantemente achemos que não.

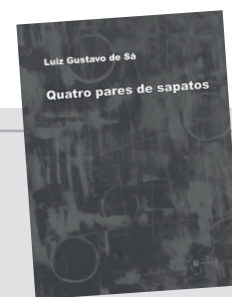
Aproveitando a deixa desse olhar crítico para o mundo ao nosso redor, a curadoria do RelevO reuniu alguns textos que pensam a criação da memória em suas múltiplas formas, temática importante para a literatura oral e escrita. No conto “Entusiasmo”, de Bruno Greggio, termo que etimologicamente significa a existência de um deus dentro de si, uma entidade estranha (ora considerada um parasita, ora uma divindade) se apossa do corpo humano e vai, aos poucos, eliminando os rastros da História. No outro conto, “Sossego da vovó”, uma tal de Sra. Minerva (eu ia reclamar do uso do pseudônimo; depois fiquei pensando que seria hipócrita, porque eu mesma já publiquei usando uma identidade inventada) apresenta a ideia de memória como uma decisão. E o poema de Hélio Ferreira, “rio guarauninha”, nos provoca a pensar a transformação de um rio que nos atravessa desde a infância, quando começamos a reconhecer os arredores, registrar e memoriar.

A memória é um tema fundamental da literatura porque, no fundo, fala sobre a experiência vivida ao mesmo

tempo em que fala sobre uma vida inventada, gerando uma confusão muito doida em quem decide escutar essas histórias. Lembrar é já narrar. Isso quer dizer que não existem fatos? De forma alguma, senão cairíamos numa relatividade pós-moderna sem sentido, numa anti-história. Mas a interpretação desses fatos, ou o que se decide lembrar e guardar, é fruto de escolhas.

Seguindo o fio da meada sobre memória, e saindo dos textos para o real, achei intrigante a pergunta de um leitor ao editor do RelevO no Instagram: “após o término da leitura, qual o melhor destino para um jornal?”. Poderíamos listar diversas possibilidades: forrar o chão para um cachorrinho fazer suas necessidades, amassar em forma de bola para fazer embaixadinhas ou até mesmo queimar para defumar a casa contra espíritos agourentos. Fico com outra saída, mais política e pungente: gerar arquivo.

Um jornal como o RelevO, para além de comunicar, dar visibilidade e abrir espaços para variadas vozes, faz parte da construção de uma memória coletiva. Como já diria Derrida, em seu livro *Mal de arquivo*, existe uma pulsão de morte tentando fazer com que as memórias se dissipem (ou como já diria eu mesma interpretando Derrida, tá? Pode ser que não tenha sido bem assim que o homem quis dizer). Quando você, querido leitor, decide guardar e preservar o jornal, está contribuindo para a memória de nosso país, que sabemos ter sofrido sucessivos apagões ao longo da história. Imagina só, daqui a centenas de anos, alguém pode encontrar uma edição do RelevO nos escombros da sua casa, inundada pelo aumento do nível do mar. Um robô, chamado Lulu, amassará o jornal e o engolirá, inspirado pela Semana de Arte Moderna de 1922. Infelizmente, a ideia dele não é deglutir a memória, mas picotar o papel com as lâminas da sua garganta. Uma pena, mas acho que precisamos tentar, não é mesmo?



Ao interpelar uma amiga a respeito de seus quatro pares de sapatos, o Sr. Keuner, da obra de Bertold Brecht, recebe como resposta: “eu tenho quatro tipos de pés”.

Assim como nossos pés percorrem diversos caminhos e necessitam utilizar adequados pares de calçados, os poemas de *Quatro pares de sapatos*, ao esquadriharem os cômodos da casa, as ruas, os campos e as veredas da memória, fazem uso de diferentes tipos de olhares. Nos “lugares comuns”, o cotidiano aparece com suas contradições — o calor insuportável do verão, as manias, as coleções de objetos inúteis, o homem-placa que atravessa a cidade.

A poesia de Luiz Gustavo de Sá interroga, desvia, reinventa, combinando imagens, ritmos e associações inesperadas. Cada eixo do livro abre uma possibilidade de caminhar, seja pelo rastro do cotidiano, pela intensidade do amor, pelo descompasso da modernidade ou pelo assombro diante da natureza. O autor nos convida a seguir por esses caminhos múltiplos não em busca de um destino, mas da surpresa de cada passo, tanto através de terrenos acidentados quanto por jardins de puro lirismo. Depende para onde quisermos ir.

Quatro pares de sapatos

Luiz Gustavo de Sá
R\$ 56 (100 páginas)

7letras.com.br/livro/quatro-pares-de-sapatos/

Editora
LitteraLux
Porque livros iluminam
www.editoralitteralux.com.br

+ de 1.700 títulos
publicados desde 2012



[Instagram](https://www.instagram.com/EditoraLitteraLux) [Facebook](https://www.facebook.com/litteraluxeditora) [Twitter](https://www.twitter.com/editoralitteralux) [Email](mailto:litteralux@editoralitteralux.com.br)

Quer publicar com a gente?

Escreva para:
originais@editoralitteralux.com.br

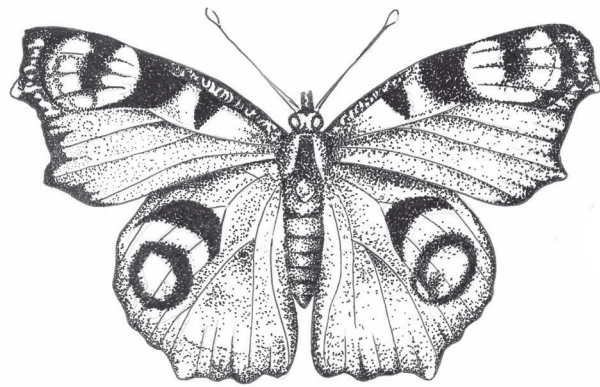


**BONS
VENTOS
trazem
BOAS
LEITURAS**



EDITORAMOIINHOS
.COM.BR

[Instagram](https://www.instagram.com/EDITORAMOIINHOS)



QUEM ESCREVEU A OBRA DE ALICE QUARESMA?

“Pedro, eu te amei desde aquela noite na Liberdade quando você, depois da vigésima primeira dose de cachaça, abriu um sorriso socrático e defendeu sua tese absurda sobre Elena Ferrante. Te amei longa e constantemente, mais do que amei todos os outros homens, mais do que amei a maioria das mulheres. Posso contar nos dedos a quantidade de vezes que nos vimos nesse tempo e, apesar disso, nossa sintonia se manteve inabalada. Não trocamos muitas mensagens, nunca te enviei um e-mail ou uma carta, mas sempre escrevemos um para o outro, porque nos tínhamos mutuamente como interlocutores eternos, almas conectadas pela fidelidade de desígnio. Naquela noite, uma década atrás, firmamos um pacto, cujas regras obedeci — até hoje. Esta carta aberta é o modo pelo qual decidi encerrar a vigência de nosso tratado. Sempre foi nosso combinado que encerraríamos o jogo quando quiséssemos. A notícia talvez te pegue de surpresa. Talvez não. Com você nunca se sabe. A ironia começa a me cansar os lábios e a máscara não serve mais meu rosto. Espero que você me entenda e me perdoe. Nós brincamos tempo suficiente. É chegada a hora da sinceridade”

Com esse parágrafo, publicado simultaneamente em suas redes sociais e no periódico literário 451, Alice Quaresma acendeu a fagulha da grande polêmica literária dos últimos anos. Naquele momento, a autora de *O Elogio do Microondas* era a figura mais midiática da literatura nacional e vários críticos a viam como a culminância do processo de valorização da escrita feminina. “Alice coroou décadas de luta”, disse Giovana Madalosso na Flip do ano passado, “juntando o imediatismo do efeito e a aventura da forma. A nossa reivindicação foi necessária, mas acabou por sublinhar que o espaço que tentamos transpor ainda não tinha sido transposto. Alice surgiu com a naturalidade de um furacão: chegou no centro do debate sem nunca ter cogitado pedir licença. Os seus primeiros contos [contos de *O vinho comprado no posto*] já tinham tudo: a vida interior de uma mulher moderna sem concessões, sem simplificações.”

O primeiro livro de Alice foi bem recebido na crítica especializada e chegou às finais do Jabuti de 2025, mas seu impacto se manteve restrito aos circuitos literários. Seu reconhecimento nacional viria com o livro seguinte, *Dá ou pede?*. O tom brincalhão do título escondeu do público de início a seriedade da empreitada. Na primeira leitura, trata-se de um livro desnecessariamente caótico. Com dezenas de milhares de personagens, o romance parece um imenso anedotário das relações modernas, uma sequência absurdamente diversa de histórias de amor e

sexo vividas nas primeiras décadas do século XXI. *Dá ou pede?*, apesar disso, acabou por se tornar muito rápido um objeto de culto de grupos improváveis — grupos aos quais a única coisa em comum parecia ser a admiração por Alice. Sucesso entre a comunidade *queer* — que via ali um paradigma de sensibilidade sem servilismo na representação da sexualidade não-hegemônica —, o livro se tornou também uma relíquia venerada pelos fóruns *incel*, para os quais Alice conseguia retratar com precisão as desigualdades advindas do liberalismo sexual.

A factualidade do livro, seu curioso trunfo, demorou pouco mais de um mês para ser constatada. Os leitores se depararam primeiro com a verossimilhança de informações relacionadas a celebridades. Entre a multidão de personagens do livro, havia algumas dezenas que todos os leitores reconheciam como pessoas reais. *Dá ou pede?* dedicava, por exemplo, cinco páginas à relação de Neymar com Najila, modelo que acusou o jogador de estupro em 2021. O divórcio de Fátima Bernardes e William Bonner ocupava um trecho tenso, que desde a primeira crítica foi elogiado como um exemplo singular da capacidade narrativa de Quaresma. Já os últimos dias da vida de Zé Celso ao lado de Marcelo Drummond, vividos em completa inconsciência da proximidade do fim, com inabalável entusiasmo pelo amor e pelo teatro, renderam as páginas mais tocantes do livro. Essas personalidades midiáticas, no entanto, não ocupavam mais que um centésimo da narrativa, razão pela qual ninguém, a princípio, teria razões para ler as referências a elas como qualquer coisa diferente de uma permeabilidade ocasional entre vida real e literatura.

Foi um post de uma internauta que desencadeou a descoberta do procedimento de escrita do romance. Em 2028, o perfil @helena_bookeater comentou que uma cena no capítulo 386 coincidia milimetricamente com um vídeo que ela havia postado três anos antes, no qual ela gravava escondido a reação do namorado a uma falsa confissão de traição, uma pegadinha comum na época. Essa cena foi o primeiro exemplo claro encontrado de um procedimento que se encontra por toda obra: a reelaboração literária de conteúdo bruto retirado das mídias sociais. Com o tempo, surgiram milhares de exemplos parecidos: diálogos retirados de podcasts, descrições feitas a partir de fotos postadas no Instagram. O site desvendandoalicequaresma.com.br tem reunido, desde então, esses paralelos. Um internauta, por exemplo, relatou seu assombro ao encontrar uma troca de mensagens que tivera no chat de um aplicativo de prostituição. “O trecho tem até os mesmos erros de

Cada pessoa envelhece de um jeito.

Nutrição no envelhecimento.

Karla Baptista • Nutricionista
CRN-8 15569
www.nutridoidoso.com.br
(41) 98402-3822





Nícolas Wolaniuk

Conto integrante de Um Sentimento Semelhante à Culpa, a ser publicado pela Editora Patuá em 2026

digitação. É assustador. Não faço ideia de como Alice chegou nessa conversa”. Pâmela Figueiredo, autora da primeira tese de doutorado defendida sobre o romance (UFPel, 2034), afirma que mais de 30% do livro foi comprovadamente escrito a partir da transcrição de material pré-existente, provavelmente com auxílio de inteligência artificial. Acredita-se, é claro, que os outros 70% também tenham sido, apenas que, nesses casos, a matéria bruta de Alice Quaresma ainda não pôde ser localizada.

Esse procedimento jogou o livro em um limbo jurídico que motivou algumas dezenas de processos. As polêmicas, como é comum, se converteram em vendas. Alice optou por só negociar os direitos do livro com o mercado audiovisual em contratos sem cláusula de exclusividade. Assim, nos cinco anos seguintes, quatro longas e uma série foram produzidos baseados no livro. Três dos filmes apaziguaram a instabilidade do romance e, focando em um recorte extremo, acabaram convencionais, com poucos personagens e um enredo principal genérico. Um deles foi uma comédia romântica divertidíssima, dirigida por Anne Fontaine, de grande sucesso de bilheteria. Uma adaptação ousada foi dirigida por Charlie Kaufman, que se inspirou no caráter fragmentário do romance para levar a cabo um vertiginoso (e sonolento) experimento cinematográfico. A série, produzida pela HBO Brasil, também adotou um caminho inovador, produzindo episódios de duração variável (o menor até hoje teve 46 segundos, o maior teve sete horas) que recontavam, uma por vez, as milhares de narrativas da obra-prima de Alice Quaresma.

Muita expectativa antecedeu o terceiro livro de Alice. *O Elogio do Microondas* iniciou a “trilogia dos objetos”, sequência de livros organizados em torno de bens de consumo. Nele, Alice narra a vida útil de um Philco 28 litros, desde sua compra por uma família de classe média nos anos 1990 até seu descarte em 2023. Em *Hagiografia de um tapete*, Alice descreve a transformação do Brasil dos anos 2010 a partir de um tapete de recepção gay-friendly (“seja bem-viado”) que foi comprado para decorar um brechó de Recife em 2012, mas acabou, depois de um episódio de vandalismo, um roubo e uma série de confusões logísticas, na casa de uma senhora uruguaia a alguns metros da fronteira com o Rio Grande. Em *A Recusa da Bicicleta Caloi*, último da série, Alice contou as aventuras de uma Caloi 10 que passou de pai para filho em três gerações desde sua entrada na família em

1977. Esse último livro marcou, para o espanto geral, a aproximação da Alice com a tendência já fora de moda da autoficção, uma vez que (isso só se entendia nas páginas finais) a família da qual se falava era a família da própria Alice. Esses livros não repetiram o enorme sucesso editorial do primeiro romance, mas foram importantes para a consolidação de seu prestígio literário. Se havia aqueles que não viam talento na “reportagem essencialmente derivativa” de *Dá ou pede?* (aspas para Lucas Lazarotto), a trilogia dos objetos trouxe um reconhecimento universal que poucos autores brasileiros alcançaram em vida. *Hagiografia* ganhou o Prêmio Oceanos e, desde o lançamento d’*A Recusa*, Alice é tida anualmente como uma das favoritas ao Camões.

O último livro publicado antes da carta foi *Os novos cantos da velha fê*. Era um romance de inspiração oitocentista que contava a conversão de uma jovem professora de filosofia ao fanatismo neopentecostal. O livro foi elogiado pelo retrato do desespero e da confusão contemporâneas – o *zeitgeist* do novo século –, embora a crítica tenha se dividido com relação à interpretação geral do enredo. Alguns viram o romance de Alice como uma denúncia do modus operandi das igrejas evangélicas, enquanto outros viram a conversão da protagonista como o ápice de uma narrativa edificante. Cogitou-se na época a possibilidade de a própria Alice ter se convertido à Assembleia de Deus.

Seja como for, as mil e tantas páginas d’*Os novos cantos* tiveram menos impacto do que as mil e tantas palavras da carta aberta.

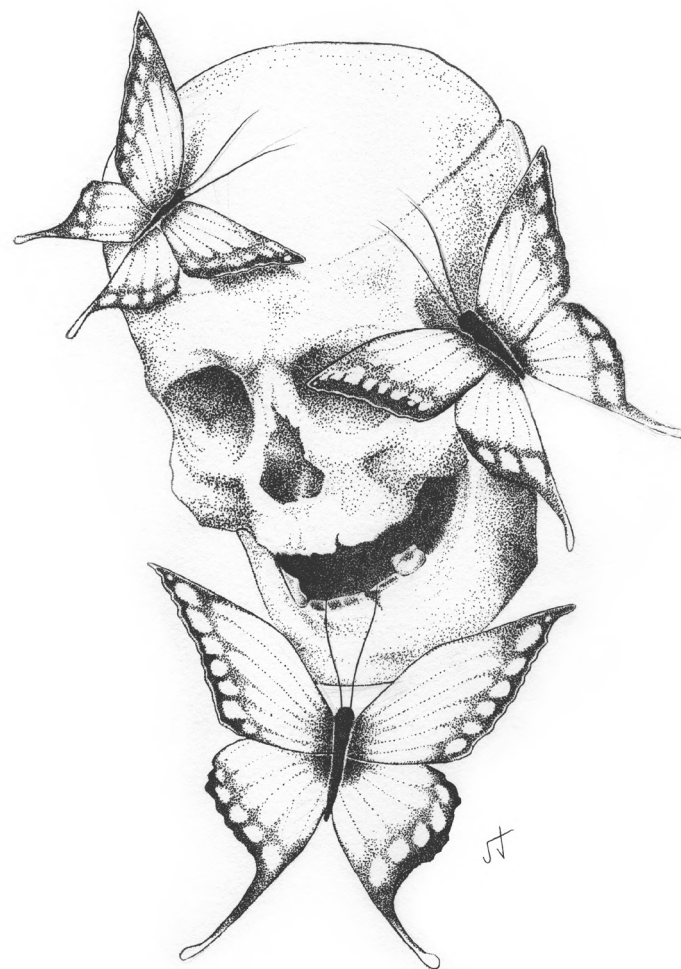
Pedro Toledo, destinatário da carta, era um escritor, contemporâneo de Alice. Ele tinha publicado o primeiro de seus quatro livros no mesmo ano da estreia d’*O vinho comprado no posto*. Não se sabia anteriormente da amizade de Pedro e Alice e, até onde pude pesquisar, as comparações entre as obras só começaram a ser feitas depois das revelações da carta.

É possível dizer que todos os livros de Pedro até o momento tinham sido estudos de personagem. *Diego*, sua estreia, é um romance a respeito dos primeiros anos da vida adulta de um viciado em pornografia. *Ana* retrata a busca simultânea de uma influencer por aumentar seu número de seguidores e por paz espiritual. *Leonardo* narra a história de um jovem que planejou e executou um atentado terrorista na sua antiga escola e *Renato*, seu livro mais recente, conta a ascensão e queda de um guru de uma seita anti-in-

ternet. Ainda que os livros de Pedro tivessem tido menos sucesso editorial e reconhecimento artístico do que os de Alice, durante a primeira década de sua carreira literária, Pedro angariou alguns leitores fiéis, simpáticos à sinceridade de sua visão.

Pedro Toledo, até a publicação da carta, conciliava o ofício de escritor com a profissão de taberneiro herdada no negócio familiar e conseguia se manter afastado da vida relacionada à literatura. Não costumava fazer lançamentos públicos nem sessões de autógrafos e, antes de Alice colocá-lo no olho do furacão do mundo literário, nunca tinha dado uma entrevista (talvez, nunca se sabe, por nunca ter sido convidado). A carta realizava, então, um movimento múltiplo: apresentava Pedro Toledo a um público maior, revelava o acordo feito entre os dois e o extinguiu.

O conteúdo do combinado era, como se sabe, uma inversão da autoria. ▶





■ Alice contava ter conhecido Pedro em uma residência de escrita oferecida pela Casa das Rosas. Na época, a obra dos dois era constituída apenas de participações em antologias e publicações em revistas online. Fora do curso, conversavam sobre o que mais lhes interessava: a literatura. Aproximaram-se por admiração mútua. Para Alice, Pedro era “o último *enfant terrible*. O único de nós que não queria parecer nem bom, nem sensato. Tínhamos, nós dois, o mesmo nojo do bom-mocismo corrente”. Já para Pedro, Alice era “um milagre geracional. Ela tinha sabedoria, uma virtude subestimada. E sabia contar uma história, uma habilidade subestimada. Sobretudo, ela não caiu em nenhuma das armadilhas do nosso tempo.”

Foi uma discussão sobre um ensaio de Pedro que levou à proposição do acordo. Esse texto, uma de suas primeiras publicações, discutia um suposto “mérito compensatório”, uma avaliação irrefletidamente positiva de obras escritas por autores que reivindicam para sua literatura pautas políticas. “Se, em um clube de leitura, estamos lendo Rubem Fonseca, sinto que posso olhar o texto de frente. Trata-se de um homem, branco, com atuação questionável em um período crítico da nossa história. Isso pede um acréscimo de reflexão da minha leitura. Para que eu elogie publicamente um conto de Fonseca, tenho que julgar o conto elogiável. Por outro lado, me sinto em uma posição menos confortável para falar sobre um texto, por exemplo, de Conceição Evaristo. Nesse caso, a atitude esperada do leitor não é o julgamento sincero da consciência, mas uma predisposição ao elogio. Tendo a falsear opiniões elogiosas de certas obras por temer as consequências do emprego da faculdade crítica.” Esse texto era, para Alice e para todos os outros oficineiros, uma mancada de um sujeito que, de resto, pareceria razoável.

Segundo Alice, quando confrontado sobre as teses do seu texto, Pedro falou sobre a situação deles: dois escritores, iniciantes, um homem branco e uma mulher preta. Alice acreditava que ele tinha uma vantagem em relação a ela quanto a predisposição da crítica? Ela respondeu que sim e ele então propôs um experimento (Alice não achou que proposição fosse séria no primeiro momento): ela poderia publicar o livro dele como se fosse dela e vice-versa. Ela riu da proposta e continuaram noite adentro conversando sobre *A Filha Perdida* (foi então que Pedro defendeu, até hoje não se sabe se sinceramente, que Elena Ferrante seria o pseudônimo de um grupo de homens americanos).

Alice não disse sim, mas também não negou. Nos dias seguintes, por vezes ela pensava em levar a sério a proposta e ria de nervosa. Depois, parou de rir. Em outra noite na Liberdade, disse que poderiam fazer assim: logo que um deles tivesse seu primeiro livro pronto, mostraria ao outro como primeiro leitor. Então fariam o que tivessem vontade de fazer. Pedro teria terminado *O vinho comprado no posto* mais ou

menos no mesmo tempo que Alice terminou *Diego*. A troca supostamente foi firmada em documento, bem como os outros termos do acordo.

Qualquer um dos dois poderia desfazer a troca quando quisesse.

A inversão durou dez anos.

Ao menos, essa foi a versão dos fatos contada por Alice na carta aberta. As inferências do que realmente aconteceu variaram muito.

Houve quem tomasse a carta ao pé da letra, isto é, aqueles que acharam que os cinco primeiros livros de Alice foram escritos por Pedro e os quatro primeiros livros de Pedro foram escritos por Alice. Esse movimento não era simples e criava uma série de problemas hermenêuticos. *O vinho comprado no posto*, tão deliberadamente feminino, muito elogiado por sua sinceridade, parecia se tornar afetado e falso quando se pensava ter sido escrito por um homem. Do mesmo modo, várias passagens antes completamente aceitáveis de *Dá ou pede?* passariam a parecer machistas. Talvez o problema mais curioso tenha sido o d’*A recusa da bicicleta Caloi*, antes tido como autoficção. Aqueles que acreditavam na verdade da carta, teriam que imaginar agora que Pedro teria escrito sobre a família de Alice a partir de imaginação e pesquisa. Essa hipótese tornou o livro mais interessante para alguns — e menos interessante para outros.

Do outro lado, a obra de Pedro, para aqueles que acreditavam na troca, também ganhava novos contornos. *Diego*, tido na ocasião do lançamento por um crítico como “um *Complexo de Portnoy* sem humor”, testemunharia da capacidade empática da escrita de Alice, ainda que antigos leitores tenham sentido que o amargor do narrador, suportável enquanto forma de autodepreciação, adquiria nuances excessivamente maldosas na pena de uma mulher. O mesmo acontecia com *Leonardo* e *Renato*, livros que retratavam masculinidades falidas. *Ana* era um caso mais ambíguo. A personagem, que antes parecia um tanto caricata, se tornou mais real a partir da comparação com a própria escritora. Dentre os que acreditaram na carta, alguns passaram a interpretar *Ana* como o modo pelo qual Alice enfrentou o dilema de sua própria vida. É claro que também se notou o processo contrário: a leitura biografizante de *Ana* fazia Alice parecer mais superficial e menos misteriosa.

Pedro tinha publicado seus quatro primeiros livros pela Patuá. Alice, por sua vez, estreou pela Todavía e publicou os subsequentes pela Companhia das Letras. Pouco tempo depois da carta, a Companhia anunciou a aquisição dos direitos dos livros publicados sob o nome Pedro Toledo e o plano de publicá-los integrados a uma nova edição da obra completa de Alice.

O movimento da Companhia das Letras foi inspirado e ratificado por críticos que postularam a criação ficcional da persona de Pedro Toledo. Segundo essa versão, Pedro Toledo teria sido realmente um

jovem aspirante a escritor que Alice conheceu na Casa das Rosas, mas que teria se afastado da literatura prematuramente. Ele teria apenas cedido seu nome para que Alice escrevesse outra parte da sua obra. A amizade de Pedro e Alice (bem como suas primeiras publicações) teriam feito dele a máscara perfeita atrás da qual Alice poderia esconder uma de suas vozes. Essa alternativa foi, em geral, a postura hermenêutica dos estudiosos da obra de Alice — para os quais havia aí uma dupla vantagem: essa hipótese não invalidava os trabalhos já escritos sobre os cinco primeiros livros e ainda aumentava, da noite para o dia, o *corpus* a ser estudado.

Também houve aqueles que acreditaram que a carta era simplesmente uma mentira. Uma defensora influente dessa visão foi a dramaturga Michelle Ferreira. “Existem condicionantes da nossa visão, da nossa capacidade de entender o mundo”, disse em uma sabatina do Roda Viva. “O gênero é um. Um dia talvez deixe de ser, eu sei lá. *Gênero é construção social, não se nasce mulher, tecnologia política do corpo* — esse caralho todo que a gente conhece bem. Mas — por enquanto (repare que eu disse POR-EN-QUAN-TO) — esse troço ainda tá aí. É burrice achar que um homem possa ter escrito *Dá ou pede?*. Também não acredito que uma mulher escreveria *Diego*. Não é possível *psicologicamente*, sabe? Eu pelo menos não acho que é.”

Para os partidários dessa tese, o jogo literário teria sido apenas a publicação do texto que confundiu as autoridades. Atentos a um incômodo longo de Alice, alguns imaginaram que a carta fosse um artifício da escritora para sabotar as leituras biografizantes da sua própria obra. Marilene Felinto, por exemplo, insinuou essa possibilidade em uma crônica que, desde então, se tornou uma leitura clássica das discussões sobre o tema. A escolha de Pedro Toledo (e a afeição a ele demonstrada) talvez fosse, defendia, apenas estratégica: a filiação da autora com um sujeito de opiniões tão malvistas no meio literário confundiria todo o consenso acadêmico-crítico em torno de Alice e desestabilizaria as bases de uma leitura rasa que ameaçava se tornar hegemônica.

Outros que concordavam com a tese da mentira da carta viram, por fim, o movimento pelo lado comercial. A carta teria sido, segundo uma conjectura de Raphael Montes, “um golpe genial de marketing, certamente acordado com antecedência entre os agentes.” É inegável que ambos os autores saíram beneficiados. Alice se tornou uma figura ainda mais misteriosa e polêmica; Pedro foi catapultado à cúpula dos poucos autores conhecidos fora dos círculos literários. Todos os nove livros passaram a vender mais.

Faz dois anos que Alice publicou a carta. A Companhia anunciou seu próximo livro para março do ano que vem. Boatos dizem que o próximo livro de Pedro Toledo — a ser publicado pela mesma editora — está na última etapa de revisão. A expectativa é alta para as duas obras.

Leia Céu de ninguém, conto do livro *De repente nenhum som*

Aqui, cada minuto dura um tanto mais. Não sei dizer há quanto tempo aconteceu. Para mim, um dia todo. Já o escurecer do céu denuncia que foi apenas há algumas horas.

As pernas não respondem, recusam até os menores movimentos. Não estão dispostas a reconsiderar ou a negociar. São irredutíveis. E eu, irreparável.

A fraqueza dos braços me recorda que os esforços para me sentar também seriam em vão. Meu corpo miúdo está pesado. Moroso.

A velhice humilha.

Essa carcaça já não me pertence. Reuni todas as forças restantes para um grito. Sacrifício dos mais bestas. Ninguém vem em socorro. Choro humilhada. Não queria ser vista assim.

Nunca.

Eram apenas alguns passos até o quintal. Lá pelo sexto ou sétimo, as pernas bambearam. Não quis voltar para dentro. Velho é assim mesmo. Teimoso. Pensei que era passageiro. Uma bobagem qualquer. Dei mais uns passos. Tudo estabilizado. Então, o tombo. O reflexo foi usar as mãos na autodefesa improvisada. Os braços falharam. O nariz foi o primeiro a sofrer o impacto. O estalo fez eco.

Pensei que me levantaria logo em seguida. Tudo que consegui foi me virar. Encarei o céu na busca de um milagre. Há sangue no rosto. O joelho arde. Deus não me escuta.

Já faz tempo.

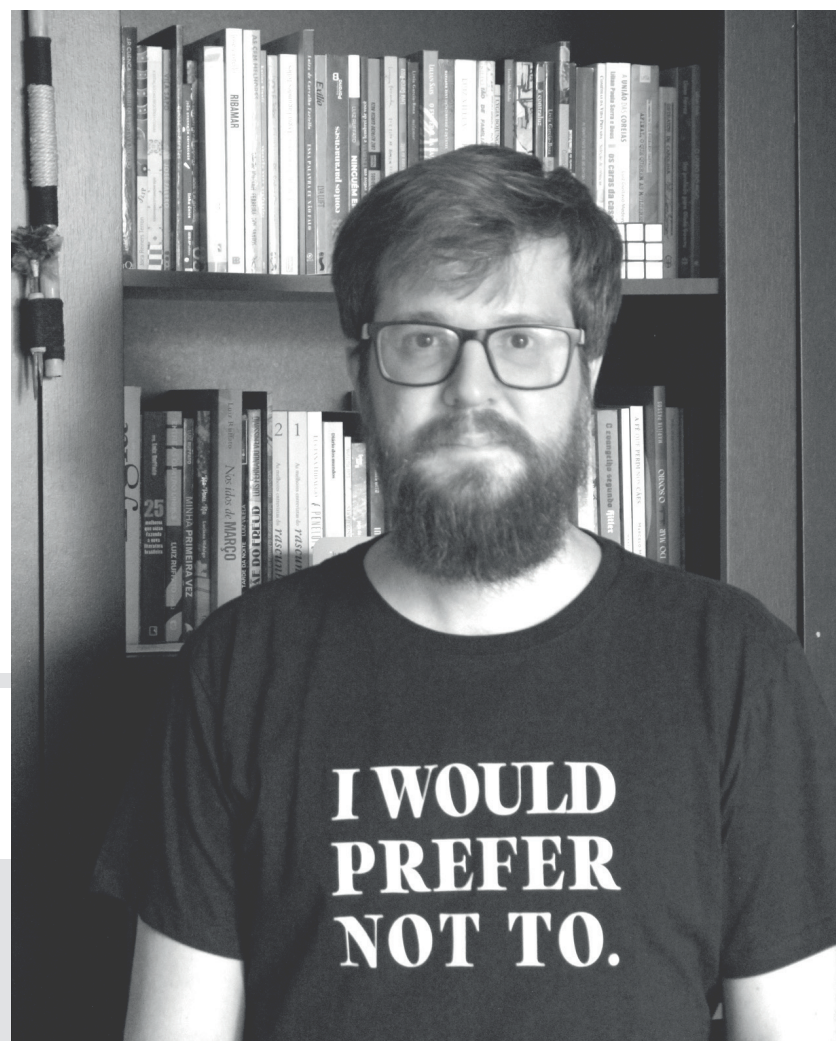
As nuvens ocupam o meu campo de visão. De repente é como se as olhasse com o olhar infantil de quem deseja enxergar formas no algodão-doce imenso, mas a fuga não se concretiza. Ao menos, elas me protegem do sol. Da ardência. Da luz em abundância. Do rosto vermelho no dia seguinte.

Se é que haverá dia seguinte.

O desespero vai e volta e dá lugar a outros pensamentos e sensações. A mais presente é a de separação. Consciência e corpo agora são independentes. Me vejo assistindo a uma vida que não é minha. Caída no quintal, forçada a observar um céu que já não me contempla. Que já não me pertence. A ardência repentina no joelho é o lembrete de que, sim, o corpo ainda é meu, ainda que não me obedeça e tenha despencado após alguns passos bobos.

Esperar por um socorro que não vem é o eterno retorno de quem aguardava o carinho dos pais ou a resolução de problemas através do mergulho nas páginas de um livro.

Esperar é inútil.



Bruno Inácio é autor de “Desprazeres existenciais em colapso” (Patuá), “De-semprego e outras heresias” (Sabiá Livros) e “De repente nenhum som” (Sabiá Livros). Escreve sobre literatura em veículos como Jornal Rascunho, Le Monde Diplomatique e São Paulo Review.

Compre diretamente com o autor pelo Instagram:
@bruno.s.inacio



Sangue de cabra

Conto integrante do livro homônimo,
publicado pela Editora Patuá em 2025

Quando elas chegaram naquela escola, já sabiam o que iriam enfrentar. Estavam prontas. Chegaram de mãos dadas e de narizes empinados. Roberta, segurando sua mochila, verde como as contas dos seus dreads, era quem mais se esforçava para manter a pose. Natália, de cabelos curtos escuros, coturnos e recente sidecut, chegava com a aura firme de quem tinha o completo apoio familiar para o seu comportamento, algo difícil de ser entendido pelas outras crianças. A diretora convocou os pais dela para ter certeza que apoiavam o que ela fazia diariamente no banheiro. E aquela mulher, que se considerava uma pessoa de mente aberta, acabou ficando envergonhada com sua posição contrária à deles quanto às atitudes de Natália, especialmente depois do ocorrido na sexta-feira.

Não foi a primeira vez na história daquela escola de bairro que uma menina foi assediada por rapazes mais velhos. Mas nunca daquele jeito. Ricardo e seu grupo, como eram chamados, trancaram a porta quando Natália entrou no banheiro. Três deles ficaram juntos, na parte de dentro, e dois deles ficaram na porta, para avisar caso alguém chegasse. Foi depois do alarme que liberava os estudantes das obrigações escolares tocar. Não havia tantos alunos na escola e eles

sabiam que às 12 horas e 13 minutos encontrariam a esquisita no banheiro. Natália chamou por Karla, por Camila, por Roberta. Gritou e disse que eles iriam ver só. Infelizmente, o local ficava distante dos corredores que levavam da sala à porta de saída, de maneira que ninguém a ouviu. Eles viram a barra de ferro que Natália usava para se apoiar nesse horário, obrigaram a menina a ficar lá e trouxeram o balde de sangue. O número de rapazes foi estratégico: dois segurariam a infeliz, enquanto um deles iria fazer com que ela bebesse o sangue de cabra. Bicho que eles pegaram na fazenda do avô de um deles, enterraram no mato e fingiram que foi ato de um desconhecido.

Eles ensaiaram com cuidado aquele momento e conversaram sobre ele nos dias anteriores. Ricardo fez o que chamou de Operação Sangue de Cabra, com imagens e textos, motivando os parceiros a se juntarem. Ele comprou em um site uma camisa estampada do Papa Urbano Segundo com *Deus Vult* escrito e esperou um bom tempo até que chegasse. Ele sentia que deveria estar adequadamente vestido naquele dia em que entraria para a história das cruzadas contemporâneas, esperando que aqueles que admirava nos fóruns sobre o assunto pudessem admirá-lo também.

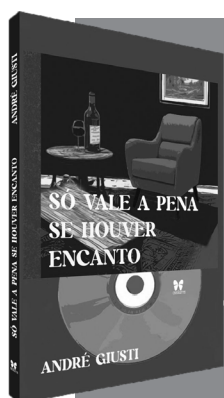
Natália se recusou a beber aquele líquido embolado, grosseiro e que cheirava mal. Ela se moveu. Tentou se livrar dos rapazes pisando nos pés deles, movimentando o corpo com toda força, girando o tronco e os braços para se soltar rapidamente, mas depois notou que não teria saídas. Eles a chamavam de aberração, de criatura nojenta, de filha do cabrunco, isso enquanto gravavam o futuro viral. Perguntaram repetidas vezes *onde está sua namoradinha para lhe salvar?*

Quando os outros estudantes receberam a notificação de que a página *Natália bebendo sangue de cabra* os seguia, logo fizeram o único vídeo da página no Instagram circular pelo WhatsApp e pelo TikTok, estarrecidos e vidrados. Presa pelos rapazes, nas imagens em sequência, ela cuspiu seguidas vezes, até que não conseguia mais relutar e aparecia de fato bebendo aquele sangue. Era possível ouvir o *glut glut* enquanto ela se contorcia por inteiro. Estremecia desordenadamente, como quando se recebe uma entidade no corpo pela primeira vez. Em breve, toda a cidade assistiria a *Natália bebendo sangue de cabra*, título e legenda do vídeo e das fotos. Seus pais receberiam. Também a sua sogra, que já havia dito à filha que passarinho que anda com

morcego acorda de cabeça pra baixo. Após os gluts gluts, Natália colocou o sangue para fora.

Roberta chorou quando assistiu, e logo pediu desculpas por ter saído antes das 12h e 13min da escola, mesmo que ela precisasse estar em casa sempre antes disso por causa de sua mãe. Os pais de Natália procuraram um advogado para tomar as medidas por bullying e cyberbullying. Disseram que a mudariam de escola, mas Natália não quis. Ela disse que a escola inteira deveria aceitá-la como ela é, e que os rapazes deveriam ser no mínimo suspensos. Era mais fácil para ela, que não precisava se esconder, do que para outras crianças que viviam da mesma maneira, mas que não tinham o apoio da família. Logo, ela decidiu que tiraria o final de semana para se recuperar, mas que na segunda-feira voltaria à escola de cabeça erguida. Seu pai, que na juventude foi um desses rapazes valentões, assim como os do bando de Ricardo, discordava. Sabia muito bem como podiam agir com uma menina, especialmente uma como ela.

Na segunda-feira, o pai de Natália passou na casa de Roberta para levá-las à escola, mesmo a contragosto. A mãe de Roberta acenou com a cara azeda de quem reprova que sua filha esteja



“Transitando pela fronteira imprecisa da ficção e da autoficção, André Giusti relata, neste monumental romance, a crise do gato de meia-idade. Um personagem volúvel, por isso contraditoriamente fascinante”

Sérgio Tavares

Só Vale a Pena se Houver Encanto,

de André Giusti. À venda em
www.caoseletras.com.br e na Amazon

Museu do Livro Esquecido

Museu e gabinete de leitura para a história do livro



“O Triunfo da Vaidade: Matias Aires e suas Reflexões”,
exposição de 28 de junho de 2025 a junho de 2026.
Matias Aires, Typografia Rollandiana e gravuras em edições raras
para refletir sobre a vaidade e o fim da vida.
Biblioteca disponível para pesquisa.

Rua Santa Luzia, 31, Sé/Liberdade, São Paulo - SP, 01513-030

(11) 91853-6231

museudolivroesquecido@gmail.com



Mylena Queiroz

com Natália pra cima e pra baixo. Depois daquela silenciosa e curta viagem, chegaram. Ele as deixou na porta de entrada, deu um beijo na testa da filha e um abraço na nora, como se fossem passar pelo inferno.

Elas entraram de mãos dadas. A diretora olhou com cara de quem quer apoiar a diversidade por uma motivação social, mas de quem não estava com nenhuma vontade de ter que lidar com aquela situação. Apesar das aulas de Pedagogia e Inclusão, preferia que aquilo ocorresse em outro bairro, em outra rua, em outra escola. Nem mesmo sabia porque era diretora. Então, as meninas entraram. Umas três outras aplaudiram pela coragem. Os rapazes não estavam na escola, elas ainda não sabiam exatamente o que havia acontecido com eles. Outros brincaram que Sangue de Cabra fez um feitiço e que eles devem ter desaparecido. Apesar de ouvir piadinhas em cochichos sobre o vídeo, Natália lidou normalmente com o dia letivo.

Depois de finalizadas as atividades, ambas vão para o banheiro. Dessa vez, Roberta fica de segurança na porta, enquanto Natália, às 12h e 13min, se pendura de cabeça para baixo na barra do banheiro, menina-morcego que é.



Praça República Juliana, 153
Laguna-SC



RELEVO CONSULTORIA



Viver não é necessário; o que é necessário é criar... valor

FERNANDO PESSOA JURÍDICA

- Cansado de dividir sua atenção entre trabalhos, personas e funções?
- Queria apenas um trabalho mediano com um salário satisfatório que não secasse sua vontade de viver e, quem sabe, até tivesse férias?
- Já utilizou *Fragmentado* (2016) como ferramenta para explicar seu ofício à família?
- É estagiário, analista, coordenador e gerente ao mesmo tempo?
- Esgotado de explicar ao contratante que, assim como a profissão mais antiga do mundo, (1) não existe exclusividade, (2) o horário é você quem faz, (3) com amor é mais caro?

Seu problema é de *mindset*. Você não é um fod***: você precisa de heterônimos profissionais. E para te proporcionar o melhor, o RelevO abre este espaço para o consultor Fernando Pessoa Jurídica, que vai te iluminar com um pouco de sabedoria (opa) em forma de poesia (uiii) e de calendário incompleto. Porque já é fevereiro: momento exato em que nos damos conta de que precisamos de um calendário novo.

Aprecie a sapiência de Fernando PJ espalhada ao longo de 2026:

CALENDÁRIO 2026

Janeiro						
Do	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

Fevereiro						
Do	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá
1	2	3	4	5	6	7
				12	13	14
				19	20	21
				26	27	28

“Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos
os e-mails de RH do mundo.”

Março						
Do	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

“O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
O buraco da conta pendente”

Abril						
Do	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá
					3	4
					10	11
					17	18
					24	25

“Ó preço salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de ganhar mal!
Por lamentarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para ao menos meu salário aumentar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a oferta não é pequena.”

Maio						
Do	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá
3						
10						
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

“Com uma tal falta de gente coexistível, como há hoje,
que pode um homem de sensibilidade fazer senão inventar os seus amigos,
ou quando menos, os seus colaboradores das 9h às 18h?”

Junho						
Do	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá
			2	3	4	5
			9	10	11	12
			16	17	18	19
			23	24	25	26
			30			

Julho						
Do	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá

“Todas as cartas de demissão são
Ridículas.
Não seriam cartas de demissão se não fossem
Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de demissão,
Como as outras,
Ridículas.

As cartas de demissão, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.

Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de rescisão
É que são
Ridículas.”

Agosto						
Do	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá
						1
2					7	8
9					14	15
16					21	22
23					28	29
30	31					

“Não: não quero nada
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.”

Setembro						
Do	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá

“No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, acabei fazendo Letras.”

Outubro						
Do	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá

Novembro						
Do	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá

Dezembro						
Do	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá

SENTA&CONTA

Algumas pessoas acreditam que o talento é o maior determinante para o sucesso. Outras, a sorte. Nós não. A linha reta para a conquista pessoal e profissional consiste apenas em um bom contador. Aqui na Senta&Conta, você senta e conta sua história; a gente pensa na melhor maneira de encaixá-la em Malta, Ilhas Cayman ou outros territórios com nomes de banda irônica, como “Ilhas Maurício”, “Ilhas Virgens Britânicas” e “Seychelles”. O governo está sempre disposto a te ajudar se você tiver uma história bacana!



Sorriso Arcaico

O **Sorriso Arcaico** é uma expressão facial encontrada principalmente em esculturas do período arcaico da Grécia Antiga, entre 650 e 480 a.C. Não há consenso sobre o motivo pelo qual os artistas da época esculpam os rostos assim, mas alguns conceitos estão bem estabelecidos. O período arcaico se desenvolveu após o colapso das civilizações micênicas e a “era das trevas” que a sucedeu. Foi um período de renascimento das artes, no qual os gregos tiveram que “reaprender” a representar o corpo humano. Por isso, a escultura arcaica se caracteriza por uma grande rigidez em sua forma. Sua influência mais perceptível vem da arte egípcia e de seu estilo monumental. No Egito Antigo, as representações artísticas eram restritas às divindades. O sujeito – um faraó ou um deus antropozoomórfico – deveria demonstrar sua transcendentalidade, e sua expressão facial e corporal, um retrato de sua eternidade.

Esse era provavelmente o papel do sorriso arcaico: conferir um aspecto não natural à obra, indicar que aquilo à mostra não era humano, e sim sobrenatural. É como acontece na iconografia bizantina: não há uma representação fiel do mundo material, mas sim um símbolo de uma perfeição celestial que não pode ser alcançada na Terra. Além disso, esse sorriso contido reflete um estado de bem-estar e felicidade plena. De fato, nenhuma das figuras apresentadas neste texto parece ter a menor das preocupações. Inclusive, uma das teorias de historiadores da arte é de que essa expressão simboliza a felicidade por meio da ignorância, já que as estátuas realmente têm um ar um tanto avoadado. Outra teoria diz que a escolha dessa boca levemente curvada, com lábios apertados, seria simplesmente uma questão técnica: era difícil talhar detalhes nas cabeças tipicamente arcaicas, em formato de bloco.

Contemporâneos aos gregos arcaicos e vizinhos dos romanos, os etruscos também usavam o mesmo recurso, como pode ser visto no sensacional Apulu de Veii, de 500 a.C. Independentemente de sua razão de ser, o sorriso arcaico permanece como um ótimo recurso para identificar a origem temporal e espacial das esculturas que o ostentam. Comparando com obras também gregas, mas de outras épocas, ficam claras as discrepâncias: distingue-se da escultura grega Clássica e de seus semblantes mais sérios e serenos, e ainda mais da expressividade intensa da escultura da época Helenística.

A mesma expressão de ausência e eternidade já podia ser vista no Egito Antigo, como mostra esse busto de Nefertiti



Nem guerreiros feridos escapavam do sorriso clássico, como mostra essa figura do Templo de Aphaia

E N C L A V E

a newsletter do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>







Escrever para explicar: o didatismo e a morte da ambiguidade

O meu primeiro contato com a obra de Machado de Assis foi aos dez anos, vendo meu pai, professor de literatura na rede pública, chegar em casa com um exemplar dourado de *A mão e a luva*. Passei dias rodeando o objeto, tateando-o e reunindo coragem para abri-lo. Meu pai dizia que Machado era indecifrável. Embora eu não dominasse o sentido exato da palavra, intuía algo assustador, capaz de provocar um impacto que eu talvez não estivesse preparada para suportar, e, por isso, hesitei. Naquele ano, sentado à mesa, ele preparava uma aula e lamentava o pouco reconhecimento dado ao romance de 1874, o segundo publicado pelo autor, sempre eclipsado por *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Movida por um senso infantil de reparação e por confiar cegamente no gosto crítico de meu pai, decidi enfrentar a suposta injustiça. E o li. Ou melhor: persisti.

No sofá estampado e pegajoso da casa de minha avó materna, virei página após página até conhecer Guiomar e seus três pretendentes, embora quase nada das sutilezas estruturais da estratégia silenciosa com que ela contorna as convenções do século 19 me fosse então acessível. Quando perguntei o que

tornava aquele livro grandioso, ouvi de meu pai uma lição que me atravessaria por décadas: “Machado não se aprende; ronda-se, volta-se, rele-se”. O que soube desde o início, no entanto, é que o sentido em Machado é quase sempre fugidio, mas que pode ganhar alguma forma com o tempo, por meio da insistência, da maturação do olhar e da lenta paciência das releituras.

Quando digo que li Machado pela primeira vez aos dez anos, muita gente me olha com espanto e, vez ou outra, admiração. Mas, entenda, não houve ali nenhum traço de genialidade precoce, pois compreendi e absorvi pouco, quase nada, daquela leitura inaugural. Foi apenas uma primeira incursão de reconhecimento do terreno, como quando chegamos a uma cidade desconhecida e, antes de compreendê-la de fato, precisamos mapeá-la, apreender seus contornos, para então começar a decifrar sua linguagem geográfica.

Li *A mão e a luva* outras quatro vezes ao longo da vida, cada leitura sedimentando uma camada que a anterior não previa. Hoje, mais de 20 anos depois, sei, enfim, o que meu pai queria dizer com indecifrável, isto é, aquilo que se abre a múltiplos entendimentos possíveis. Por isso mesmo, continuo sem abarcar todos

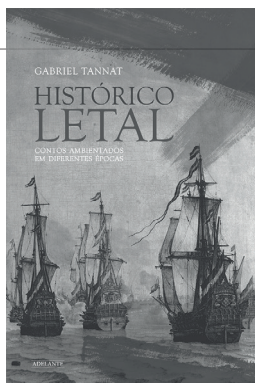
os detalhes desta narrativa, e desconfio que nem quero. Machado era mestre das lacunas, da ambiguidade, do não-dito, elementos que se intensificam em nossa percepção conforme a nossa bagagem de anos, leituras e vivências se adensa.

Até hoje, digo que não “entendo” *A mão e a luva*, assim como não posso dizer que compreendi integralmente todos os outros títulos daquele que é um dos maiores autores da literatura brasileira, mas isso não causa prejuízo algum à experiência. Ao contrário. A cada releitura, posso preencher as lacunas de maneiras distintas, o que enriquece a relação com o texto de forma imensurável. A literatura é o reino da ambiguidade. Ou deveria ser. Ou já foi e, em parte, deixou de ser.

Recentemente, em um grupo de estudos sobre literatura brasileira contemporânea, discutindo obras recém-lançadas, percebi um mal-estar difuso entre os participantes. Os temas dos títulos discutidos eram relevantes, o diálogo com o tempo presente era evidente, mas algo na textura da experiência de leitura parecia empobrecido, como se uma nostalgia silenciosa rondasse a discussão. Foi nesse estranhamento que a fissura se revelou, ao menos para mim: algo essencial havia mudado.

Uma parcela significativa da produção contemporânea adota um didatismo que, embora pareça bem-intencionado, acaba empurrando a literatura para fora de si. Há cada vez menos lacunas, menos arestas interpretativas, menos apelo ao risco da imaginação. Tudo é justificado, explicado, conduzido por uma pedagogia interna que não confia no leitor e que, paradoxalmente, tenta poupá-lo do desconforto de interpretar. Assim, o romance transforma-se em tese; a personagem vira ilustração literal; a trama, uma demonstração. Soma-se a isso a crescente necessidade de explicitar a pertinência social de cada tema, como se a obra precisasse declarar, quase pedir licença, para existir.

A literatura passa, então, a funcionar como senha de entrada para um clubeinho de causas e agendas, perceptível na recorrência de nomes que circulam pelos prêmios, vitrines e catálogos das grandes editoras. Talvez se queira replicar o esplendor dos grupos intelectuais do passado, como Bloomsbury, os salões modernistas, os círculos culturais que Raymond Williams examinou, mas o que se vê, muitas vezes, é apenas uma ansiedade por pertencimento. É a ânsia de fazer parte de um clube tão seletivo, uma febre explicativa, eu diria. E, na



HISTÓRICO LETAL

Gabriel Tannat

A obra é composta por contos ambientados em diferentes épocas que foram escritos a partir de exaustiva investigação antropológica e historiográfica. O cenário principal é o Nordeste do Brasil durante o período colonial, especialmente quando os neerlandeses estavam na região disputando com os portugueses o comércio de escravizados da costa oeste da África.

Adquira via estantevirtual.com.br/livro/historico-letal-contos-ambientados-em-diferentes-epocas-HTH-4791-000
www.amazon.com.br/dp/B0CK7C1SWG | Ou entre em contato com o autor: gabrieltannatlivros@gmail.com



Tamiris Volcean

literatura, o excesso de explicação é sempre sintoma de empobrecimento. Basta observar boa parte dos romances indicados aos principais prêmios dos últimos anos; tudo é entregue ao leitor de modo direto, sem espaço para fabulação. Infelizmente, delinea-se um padrão, e eu bem que tentei escapar dele, esperando me surpreender com exceções. Elas existem, sim, mas são poucas; existem, mas são poucas.

A ambiguidade, no entanto, não é ornamento. Machado nos ensinou isso tão bem no século 19, mostrando que o artifício é a própria matéria da ficção. Quando ela desaparece, resta apenas a narrativa utilitarista ou, como se costuma dizer, engajada, e a utilidade, quando convertida em critério estético, corrói o gesto literário. Aos dez anos, o que me fez identificar certa paixonite para leitura e, mais tarde, pela crítica literária, foi, justamente, o indecifrável. Não leio para desvendar todos os mistérios. Leio para me deixar levar e, ao final, fazer um balanço sobre quais elementos e quais arcos narrativos ressoaram em mim.

E então chegamos às redes sociais, que são, a meu ver, o ponto nevralgico deste debate, pois impactam diretamente os leitores contemporâneos e suas demandas. Escritores temem ser mal in-

terpretados e, para evitar ruídos, cercam a obra de anticorpos explicativos. Foi a conclusão mais palpável a que cheguei: o controle da recepção transforma-se, pouco a pouco, em parte do processo criativo. Mas não seria o controle da recepção justamente o maior paradoxo do ato de escrever?

Não é coincidência que um autor contemporâneo, cuja obra ultrapassou meio milhão de exemplares vendidos no país, tenha reagido, ferido, às críticas que recebeu. Afinal, estava tudo ali. Se a obra já se justifica em seus próprios termos, como ousar criticá-la? O problema é que uma literatura que busca apenas ser irrefutável deixa de ser literatura.

A verdade incômoda é que parte da ficção atual escreve com o algoritmo ao pé do ouvido. Abandona as ambiguidades, as demoras, os atalhos que não levam a lugar algum. Pois bem, o escritor que abandona a escrita despreziosa para aderir a uma escrita infestada de objetivos e métricas de sucesso, há muito abandonou o pacto com a literatura, firmando um outro, com o ego e com o mercado, e o didatismo é peça fundamental desta engrenagem *sui generis* que movimenta o circuito editorial dos nossos tempos.

Escreve-se para leitores treinados pela lógica do scroll infinito, leitores que consomem vídeos de poucos segundos e carregam, no corpo, a impaciência do tempo digital. Dizem que ninguém mais está disposto a enfrentar livros exigentes, narrativas de fôlego, leituras reiteradas. E então, para não perder leitores, os autores facilitam. Descomplicam. Entregam tudo servido, esterilizado, pronto para o consumo. A obra precisa caber no ritmo de “leituras do ano” exibidas no Instagram.

A leitura que exige camadas, maturação, sobreposições ao longo da vida parece incompatível com a pressa contemporânea. Pergunto-me, então, se o leitor apático estaria disposto a reunir a coragem que me tomou no início dos anos 2000 para ler *A mão e a luva*.

Não temos tempo. Não temos tempo para escrever devagar, para construir uma obra ao longo de anos, para acompanhar a aventura intelectual de um leitor que amadurece com a narrativa. Não temos tempo para esperar que alguém releia quatro vezes um romance até formar uma compreensão própria. E, assim, a literatura contemporânea decide fazer, ela mesma, o trabalho do leitor, ou seja, explicar, justificar, conduzir pela mão até a interpretação mais segura, a mais aceita, a mais compartilhável.

Precisamos acumular mais de 40 leituras no ano. Precisamos ler mais. Ler isto ou aquilo. Este ou aquele. Com a pressa e a rapidez asfixiando a experiência, sobra pouco espaço para a curiosidade da descoberta e para o confronto com múltiplos pontos de vista. Melhor definir um só, de preferência o mais viralizável. Se o escritor já não dispõe do tempo para escrever despreziosamente e dedicar anos à construção de uma obra, o leitor tampouco dispõe do tempo necessário para construir a si mesmo como leitor e, sobretudo, para cultivar um olhar que tolera as zonas turvas, que aprende a habitar as camadas do texto. E quando ambos perdem esse recurso valioso da lentidão atávica, algo essencial se desfaz; abdica-se, então, da ambiguidade. Mas abdicar da ambiguidade é abdicar da própria força vital da literatura. Porque ela começa, precisamente, onde a explicação termina.



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro *Viva Ludovico*, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

PSICOTRÓPICOS DE CAPRICÓRNIO NA ILHA DA TRINDADE: um livro péssimo. O protagonista é um nóia. Os etês são chatões, não são greys cabeçudos. A Marinha do Brasil é criticada. Tem pouca caça Submarina. Muita natureza para pouco tiro. Pontos positivos: não tem sexo, e o nóia arca com as consequências de seus atos no final. Eu acho.



Não, você não entendeu nada, irmão. É que o livro é sobre a impermanência da vida e uma crítica à supremacia humana sobre os demais táxons animais nesse antropoceno nefasto; é uma ode à natureza selvagem usando a trama humana como plano de fundo, reduzindo suas angústias a dramas insignific...

@escritormayorga



HE por Cami CHO

Somos um ateliê de cerâmica artesanal em Curitiba, com produção própria de peças para venda à pronta entrega (na loja física e site) e também de peças personalizadas sob encomenda. Oferecemos aulas regulares e oficinas pontuais de cerâmica. O nosso espaço em si é super gostoso, vale a visita inclusive aos curiosos.

Estamos na Alameda Presidente Taunay, 681, Batel, em Curitiba

hechoporcami.com

@hechoporcami



Fronteyra

Trecho de romance publicado pela editora Madame Psicose, 2026

Adérito Schneider

Um de los grandes mystérios da existencia humana es que un solo acontecimiento pode cambiar para siempre o curso de nuestras vidas, pero generalmente não nos damos conta disso no momento exacto em que ocurre el fato. A veces, é un episódio banal que incluso pode passar batido. Ocasionalmente, te das cuenta de la importância do incidente na hora em que la porra toda acontece. ¿Mas cuál es la fronteira que separa aquilo que podría ser simplemente una buena história para se contar a tus amigos e la percepção de que su vida fez uma curva brusca a gran velocidad e usted saiu de la pista? Eso es lo que me pasó naquelle começo de dezembro, mis últimas férias escolares de verano, antes del cambio de milênio. Por pouco, muy poco, eu escapé de virar comida de cocodrilo. E tal vez yo tenha sobrevivido para narrar esta historia, para dejar mis pegadas pelos barrancos que margeiam el rio de minha juventud, aunque sea do lado errado da fronteyra. Quizás eu tenha sido poupado para contar la história de mi amigo Beto.

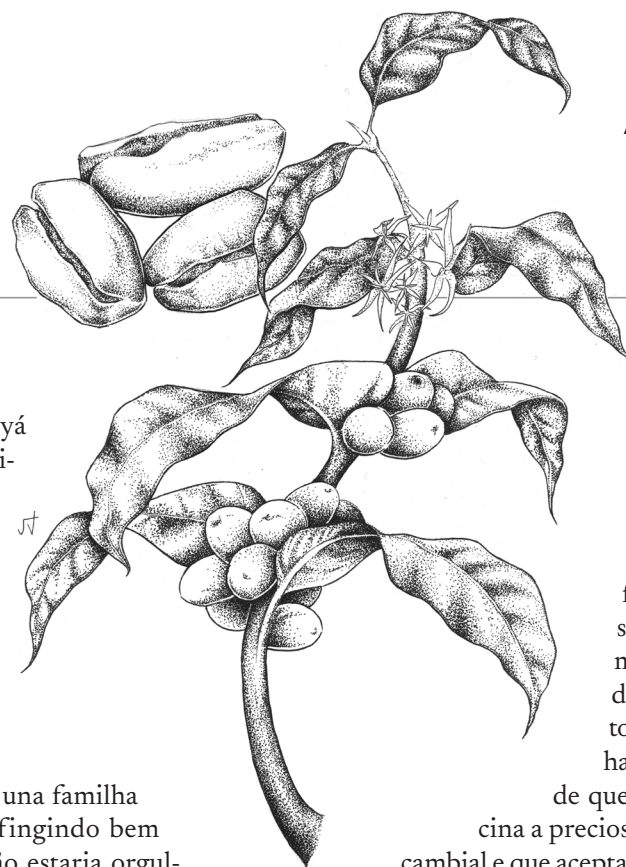
Naquelle verão lejano, com garrafas de cervezas casi no fim, Beto y eu admirávamos el pôr do sol do outro lado del río, en un raro momento de silêncio entre nosotros. Nuestra amizade dependia de una charla interminable e Beto é o tipo de sujeto que no cala a boca, nem tanto por tener algo que decir e mais por estar acostumbrado aos holofotes sobre él. Estábamos ambos de pie, encostados contra el capô do carro de Beto, un regalo de cumpleaños para celebrar su maioridade. Vestíamos ropa social sin corbatas, que estavam largadas junto aos paletós en el banco trasero, o meu con una mancha colorida adquirida na pista de dança de nuestra formatura de la escuela. Era a segunda consecutiva a la que Beto

participava, desta vez yá no mais como mero invitado de una turma que también era la sua, o único reprobado entre sus compañeros. Foi gracias a esa reprovação que nos tornamos amigos. Nessa noite, yo tinha más que celebrar, o novo futuro médico de una familia de médicos. Eu vinha fingindo bem mi felicidad. ¿Quem não estaria orguloso após ser aprovado num vestibular de medicina, aunque fuera en una universidad particular de calidad duvidosa do otro lado de la fronteyra? Mas, naquelle momento, lo único que nos importava era que la fiesta não poderia tener fim. Estávamos apegados àquela que tinha pinta de ser nuestra última gran noitada juntos, aunque ninguno de los dos houvesse explicitado eso em voz alta. Saímos del salón de festa con el sol raiando e nos fuimos com amigos, borrachos, por supuesto, tomar um desayuno en una padaria do centro da ciudad. Beto y eu esticamos para lojas de conveniências de postos de combustível, que no tienen problema en vender cerveza a las siete de la mañana, e, desde entonces, deslocalávamos pela cidade de um lado a outro, de gasolinera en gasolinera, un puteyro no meio de la tarde, hasta quedarnos añai, na beira del rio, onde assistíamos ponerse el sol e ouvíamos los sonidos da naturaleza mudando de turno, a revoada das garzas, el coaxar dos sapos, algunas cigarras

en temporada de lluvias. Logo, logo yo estaria haciendo las malas para una viaje de vacaciones familiares em celebración às festas de final de año, que seriam emendadas com mi mudanza para el outro lado de la fronteyra, unos cuantos bons kilómetros adentro, hasta la primera cidade gran-

de que ofrecia cursos de medicina a precios favorecidos pela cotação cambial e que aceptaban a cualquier estudiante dispuesto a pagar por una vaga y diploma. Beto ficaria en nuestra ciudad natal, trabajando con su padre, com sorte haciendo nas coxas um curso de administración numa instituição privada de reputação ainda peor. Com los cabellos un poco grandes y fora de corte, balançando al ritmo del viento mais fuerte añai na beira do río, Beto tenia o olhar perdido en el horizonte, numa melancolia que yo no conocia, pero que permitia o vislumbre de um Beto real, quizás un poco mais profundo y humano do que aquele personagem falastrão y fiestero que él interpretaba tão naturalmente bien. Poderia ser apenas a manifestação del cansancio, bebedeira, las noches viradas, mas algo me decía que havia alguna cosa a mais, un certo miedo do futuro, el fin de nuestras adolescencias reflejados en la luna que surgia mais temprano no céu. En cima do capô do conversível, una bolsa com lo que nos restava de miñocas.

¿Vamos cheirar mais umas?



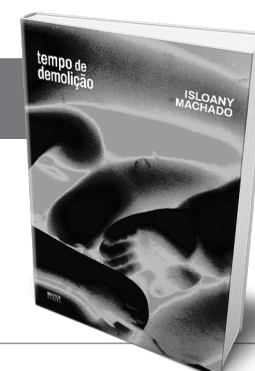
tempo de demolição

Isloany Machado

Uma casa e seus quatro habitantes compõem uma família em demolição. O primeiro golpe, que culminará na ruína, será dado pela verdade. Afinal, o que destrói uma família nos moldes burgueses não é a mentira, como se poderia crer. Mas o que fazer quando os olhos veem as cenas do desamor, do ódio, das suspeitas de traição? Assim como um corpo, a casa vai perdendo móveis, revestimentos. Como a casa, as pessoas vão perdendo pedaços. Há uma anomalia no coração da casa: ela não possui banheiro social, de modo que o único existente liga dois dormitórios. As pessoas de fora, visitantes, hóspedes, só podem acessá-lo atravessando a intimidade dos adultos ou das crianças. Em tom ácido, o narrador nos apresentará, pouco a pouco, as demolições de alguns ideais como família, religião, casamento etc.

R\$ 50,00

www.mireveja.com





Setembrina e Souzélío

Igor Luchese



O parto durou menos de dez minutos e o Dr. Remoaldo, médico de Duracina, ficou surpreso e comentou: — Esse foi rápido!

A filha de Duracina levou pela vida a forma como nasceu, porque fazia tudo de forma breve. Seu nome era Setembrina Lima, mas se apresentava como Sete. Encurtou sua trajetória nos estudos e concluiu tudo, incluindo a faculdade de Administração, vários anos antes que seus colegas. Setembrina tinha, na época, 15 anos.

O cabelo dela era curto, para ser apenas uma breve escovada, porque não suportava a ideia de ficar muito tempo em uma cadeira, aguardando para que alguém terminasse algum corte cheio de detalhes. O som das tesouras voando por muito tempo ao redor de sua cabeça era insuportável. Sua data especial era a passagem do ano: em um segundo resolvia a questão de festejar o momento.

Certo dia, após poucos e breves pensamentos, resolveu colocar em prática a ideia de ter uma loja com sua característica principal e nasceu, na garagem da casa de seus pais, a loja Brevidades da Sete.

O acesso era breve, porque não tinha porta deslizante, nem controle eletrônico, nem porta rotatória e ninguém para encher o saco fazendo perguntas. A porta da garagem sempre estava totalmente aberta. Antes de entrar, o cliente já conseguia observar toda a loja com um passar de olhos sem aquelas coisas de preencher um cadastro, nem precisar de alguém para um passeio, muito menos a presença de incômodos departamentos, onde o cliente tem sorte de encontrar pelo que procura. Na parede da esquerda, tinha um quadro com um haicai.

No centro, em uma mesa, vendia pequenos discos de vinil, conhecidos como compactos simples, de apenas

uma música de cada lado. Coisas breves para os ouvidos. No lado direito, tinha uma pequena mesa com três cadeiras e uma placa sobre ela (Seja breve!). A mesa era o escritório de Setembrina, onde ela vendia seus preciosos e muito procurados conselhos. Seu papel como conselheira era famoso, porque suas considerações eram muito breves. Dava conselhos de como se vestir projetando, antes de dormir, a roupa do dia seguinte. Aconselhava roteiros para viagens breves, entre um bairro e outro. Projetava cardápios para rápidos almoços com a família. E tinha conselhos de cardápios para refeições entre amigos.

Na parede atrás da mesinha tinha uma prateleira com alguns exemplares de Sejamós Todos Feministas, da Chimmamanda Ngozi Adichie, com apenas 64 páginas, e Cenas de Nova York e outras viagens, do Jack Kerouac, com 53 páginas. Coisas breves para serem lidas.

Próximo ao caixa, se destacava um cantinho gastronômico que vendia cafés servidos em xícaras pequenas, para um breve café, e doces como brevidades — um bolinho delicioso que ela mesmo fazia. Coisas breves para o paladar.

Após dois anos nessa aventura

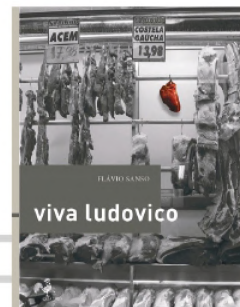
de empreendimento, conheceu

Souzélío de Souza e Costa, que não sabia ser breve. O encontro aconteceu em uma fruteira. Ela com uma cestinha com algumas frutas rapidamente catadas das bancadas e ele com um carrinho escolhendo cada fruta detalhadamente: segurava na mão e levantava acima da cabeça, olhava de longe e de perto, avaliava o peso, sentia o aroma e passava lentamente a ponta dos dedos pela superfície, sentindo todas as peculiaridades de sua textura. Parou em uma fruta amarela e, depois de muito olhar, virou-se para Setembrina, que estava passando.

— Bom dia. A senhora, mesmo que não esteja me referindo a sua idade, mas uso o tratamento de senhora como uma referência respeitosa, mesmo podendo ter a interpretação enganada pela cor da luz do expositor, sabe que fruta é esta?

— Lima.

Ela ficou olhando perplexa, por um



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

**você tem
um livro de poesia?**

**nós temos
seus leitores**

envie um email para
contato@faziapoesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia



breve momento, como uma pessoa poderia dizer tudo aquilo apenas por uma indicação de nome de alguma fruta.

Ele ficou estupefato pela breve resposta.

Apaixonaram-se imediatamente e intensamente.

O namoro foi curto e não teve noivado.

— Pra quê? — ela perguntou entre uma mordida e outra de um sanduíche,

na calçada na frente da loja. Eles sabiam que seriam um do outro para sempre.

Casaram em uma cerimônia longa, porque precisava ser explicada e Souza fez questão de cumprir todas as etapas do rito. Disse que era fundamental recordar do momento mágico como ele gostava: com muitos detalhes. Mas a festa dos noivos foi curta, porque a noiva pegou o noivo e foi embora alguns minutos após o início da dança do casal.

Coisas breves para festejar. A lua de mel foi exatamente isso: lua, no singular. Ficaram em um hotel uma noite apenas.

Após alguns breves meses, Setembrina teve seu momento de encontrar a infinita paciência quando ficou grávida. Seriam nove meses de espera. Ela estava angustiada e nervosa com a situação. Havia perdido o controle, porque seria um tempo imenso. Souza zélio pacientemente conversou com ela muitas vezes sobre o fato. Iniciou contando que o período de gestação das morsas é de 15 meses, das baleias é de até 16 meses, dos golfinhos fêmeas de até 18 meses e das elefantes de até 22 meses. Argumentou que ela não poderia achar que 9 meses era um período longo se comparado aos 22

meses de uma elefanta. Era, sim, um período breve.

Setembrina pensou um pouco e ficou mais tranquila. Então, Souza zélio passou para outro tema.

— Que nome daremos a essa menina tão linda que é fruto de nosso amor imenso e que será, com certeza, uma pessoa iluminada e que nos trará muitas alegrias e, também com certeza, nos dará muito trabalho e preocupação?

— Não o meu.

— Creio que devamos considerar que o nome precisa ser mais de acordo com o seu tempo, pois não foi algo que nossos pais perceberam quando nos deram nossos nomes.

— Nem o da minha mãe.

— Com certeza, também acredito que não seja o caminho a ser trilhado, porque, por mais que eu tenha muito respeito pela minha mãe, não acredito que Gumercinda seja um bom nome para uma menina, nos tempos atuais.

— Certo, sem homenagens.

— Que tal breve? Parece que seja o mais certo para a nossa filha e te deixará muito feliz.

— Sim, tem que ser breve.

— Isso mesmo: breve — ficou olhando para a esposa, que tinha um sorriso desenhado no rosto, mas parecia não ter entendido a sugestão.

— Sim.

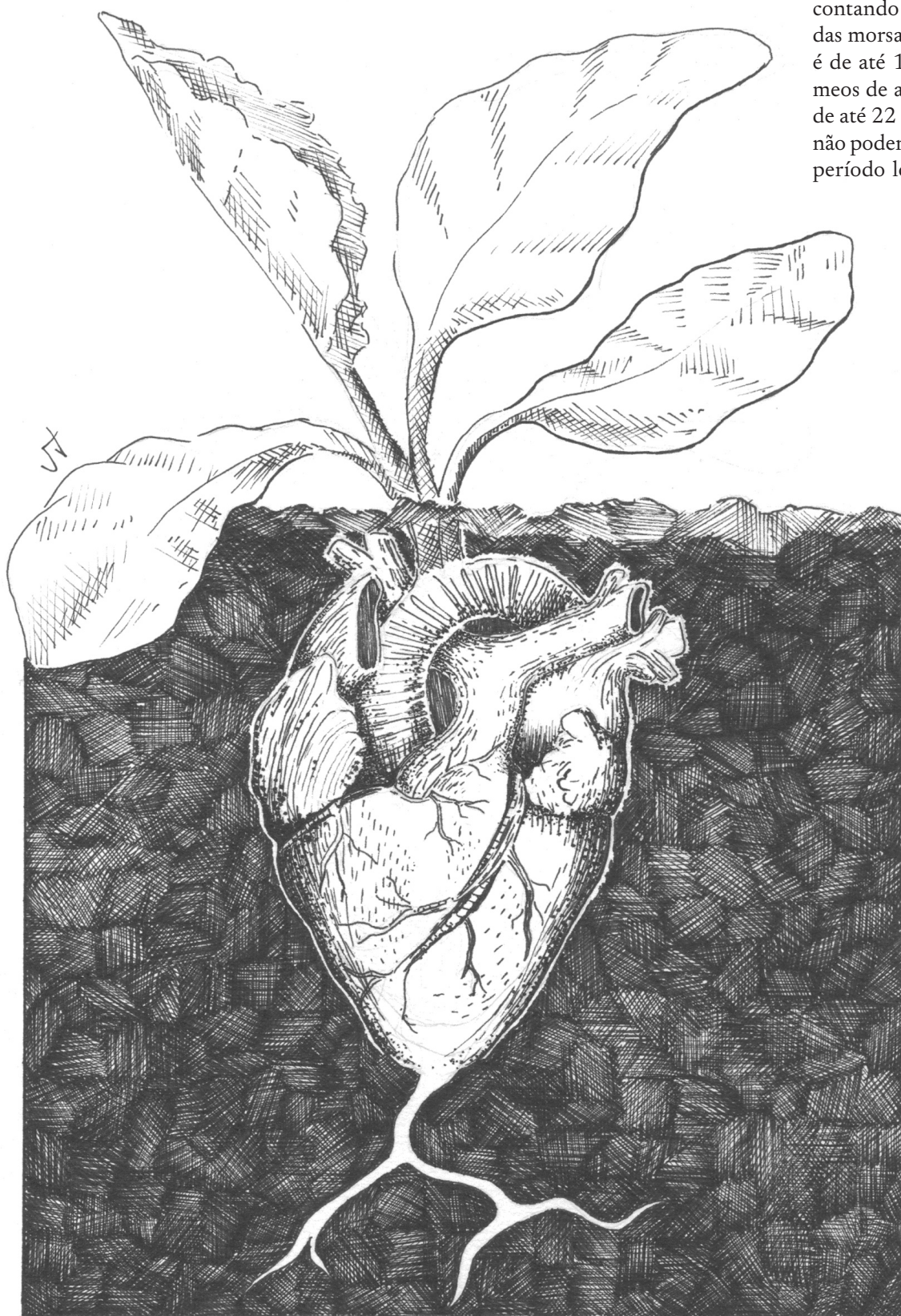
— Acho que não entendeste, minha amada que ilumina minha vida. Breve deveria ser o nome de nossa filha. Deveria ser Breve Lima e Souza. O que achas? Achei um presente dos deuses essa ideia.

— Sim.

Ele beijou a ponta de cada um dos dedos da mão de Setembrina, depois um beijo em cada face e, por último, um beijo delicado na testa.

— Setembrina, minha vida, pela primeira vez, desde que te conheci, estou sem palavras para descrever o quanto é importante estar caminhando pela vida contigo.

Ela fechou os olhos, sorriu suavemente e, então, escorreu uma lágrima solitária pelo seu rosto. Coisas breves para a alma.





SREDNI VASHTAR

Saki

Tradução de Demian Gonçalves Silva

Conradin tinha dez anos, e o médico emitira o seu parecer profissional de que o menino não viveria mais cinco. O médico era melífluo e debilitado e não contava para quase nada, mas a sua opinião foi endossada pela Sra. de Ropp, que contava para quase tudo. A Sra. de Ropp era prima e tutora de Conradin e, aos olhos deste, representava aqueles três quintos do mundo que são necessários, desagradáveis e reais; os dois quintos restantes, em perpétuo antagonismo com os anteriores, resumiam-se a ele próprio e à sua imaginação. Qualquer dia desses, supunha Conradin, sucumbiria à pressão dominadora das coisas enfadonhas e necessárias — tais como doenças, restrições excessivas e um tédio prolongado. Sem a imaginação, que vicejava sob o estímulo da solidão, já teria sucumbido tempos atrás.

A Sra. de Ropp jamais confessaria a si própria, nem nos seus momentos de maior sinceridade, que não gostava de Conradin, embora tivesse uma vaga consciência de que contrariá-lo “para o seu bem” era um dever que não achava particularmente aborrecido. Conradin a odiava com uma sinceridade desesperada que sabia ocultar com perfeição. Os poucos prazeres que lograva criar para si ganhavam um sabor especial quando desagradavam à sua tutora, e do reino da sua imaginação ela estava banida — era uma coisa impura, à qual não se deveria conceder entrada.

No jardim monótono e lúgubre, vigiado por muitas janelas prontas a abrir-se com ordens para não fazer isto ou aquilo ou lembretes para tomar os remédios, poucos atrativos encontrava ele. As poucas árvores frutíferas que lá havia estavam-lhe ciosamente vedadas, como se fossem espécimes raros a brotar num árido deserto; provavelmente teria sido difícil encontrar um horticultor que oferecesse dez xelins por toda a sua produção anual. Num recanto esquecido, porém, quase escondido atrás de arbustos sombrios, erguia-se um galpão de ferramentas abandonado, de proporções respeitáveis, e dentro dele Conradin encontrou um refúgio, algo que assumia sucessivamente o aspecto de sala de jogos e de catedral. Povoara-o com uma legião de fantasmas familiares, invocados em parte de fragmentos da história, em parte da sua própria mente, mas ali também se encontravam dois habitantes de carne e osso. Num canto vivia uma galinha Houdan de plumagem esfarrapada, a quem o menino prodigalizava uma afeição que dificilmente teria outro escoadouro. Mais ao fundo, na penumbra, ficava uma grande gaiola dividida em dois compartimentos, um

deles protegido por grades de ferro cerradas. Este constituía a morada de um enorme furão selvagem, que um amigável açougueiro contrabandeara certa vez, com jaula e tudo, para aquele refúgio, em troca de um tesouro de moedinhas de prata por longo tempo amalhadas em segredo. Conradin tinha um medo terrível da fera ágil e de presas afiadas, mas era a sua posse mais valiosa. A sua simples presença no galpão constituía um júbilo secreto e temeroso, que se devia guardar escrupulosamente do conhecimento da Mulher — como em privado Conradin apelidava a sua prima. E um dia, só os céus sabem a partir de que material, o menino fabricou um nome maravilhoso para o bicho que, dali por diante, se converteu num deus e numa religião. A Mulher entregava-se à religião uma vez por semana, numa igreja das redondezas, e levava Conradin consigo; mas para ele a cerimônia da igreja era um rito estranho na Casa de Rimón. Todas as quintas-feiras, no silêncio turvo e bolorento do galpão, ele oficiava com místico e elaborado cerimonial perante a gaiola de madeira onde residia Sredni Vashtar, o grande furão. Flores vermelhas, na estação própria, e bagas escarlates, no inverno, eram-lhe ofertadas no altar, pois tratava-se de um deus que dava especial ênfase ao lado feroz e impaciente das coisas, ao contrário da religião da Mulher, que, tanto quanto podia Conradin observar, muito se empenhava na direção oposta. E, nos grandes festivais, polvilhava-se em frente à gaiola noz-moscada, que — aspecto crucial da oferenda — tinha de ser roubada. Esses festivais eram irregulares e destinavam-se principalmente a celebrar algum evento passageiro. Em certa ocasião, quando a Sra. de Ropp padecia três dias de severa dor de dentes, Conradin manteve o festival durante todo esse tempo e quase conseguiu convencer-se de que Sredni Vashtar era pessoalmente responsável pelo sofrimento. Se o mal tivesse durado mais um dia, a reserva de noz-moscada teria chegado ao fim.

A galinha Houdan nunca foi incorporada ao culto de Sredni Vashtar. Conradin decidira, havia muito, que ela era anabatista. Não fingia ter a mais remota ideia do que fosse um anabatista, mas no íntimo acaalentava a esperança de que fosse algo arrojado e pouco respeitável. A Sra. de Ropp era a planta-baixa em que ele baseava toda a respeitabilidade — que detestava.

Com o tempo, a obsessão de Conradin com o galpão de ferramentas começou a chamar a atenção da tutora. “Não lhe faz bem andar por lá o tempo todo, com sol ou chuva”, decidiu ela prontamente; e certa

manhã, durante o desjejum, anunciou que a galinha Houdan fora vendida e levada na noite anterior. Com os olhos míopes perscrutou Conradin, à espera de uma explosão de raiva e aflição que estava pronta a reprimir com uma saraivada de excelentes preceitos e raciocínios. Mas Conradin não disse nada: nada havia a dizer. Algo no seu rosto pálido e fechado talvez tenha produzido na tutora um escrúpulo momentâneo, pois ao chá daquela tarde havia torradas sobre a mesa, uma iguaria que ela geralmente proibia sob a alegação de que era prejudicial ao menino — e também porque “dava trabalho”, um delito capital aos olhos das mulheres de classe média.

— Pensei que gostasse de torradas — exclamou, com ar ofendido, ao ver que ele não as tocava.

— Às vezes — respondeu Conradin.

Essa noite, no galpão, houve uma inovação no culto ao deus da gaiola. Até então Conradin tivera o costume de entoar-lhe louvores; dessa feita, pediu-lhe uma graça.

— Faz uma coisa por mim, Sredni Vashtar.

A coisa não foi especificada. Sendo um deus, presumia-se que soubesse. E, engolindo um soluço enquanto olhava para o outro canto vazio, Conradin regressou ao mundo que tanto odiava.

E todas as noites, na acolhedora escuridão do seu quarto, e todas as tardes, no lusco-fusco do galpão, elevava-se a amarga litania de Conradin: “Faz uma coisa por mim, Sredni Vashtar”.

A Sra. de Ropp notou que as visitas ao galpão não cessavam e, certo dia, empreendeu nova inspeção.

— O que está guardando nessa gaiola trancada? — perguntou — Aposto que são porquinhos-da-Índia. Vou tirá-los todos daqui.

Conradin comprimiu os lábios, mas a Mulher revirou o seu quarto até encontrar a chave cuidadosamente escondida e, de imediato, marchou para o galpão para concluir a descoberta. Era uma tarde fria e Conradin recebera ordem de ficar em casa. Da



DITOS & ESCRITOS

leilamariaflesch.com



■ janela mais afastada da sala de jantar, entrevia-se, para lá dos arbustos, a porta do galpão, e ali se posicionou Conradin. Viu a Mulher entrar e, em seguida, imaginou-a abrindo a porta da gaiola sagrada e perscrutando, com os olhos míopes, a espessa cama de palha onde o deus jazia abscondito. Talvez fosse remexer a palha, na sua impaciência desajeitada. E Conradin murmurou, fervoroso, a sua prece pela última vez. Mas soube, enquanto rezava, que não acreditava. Sabia que a Mulher logo sairia com aquele sorriso amarfanhado que ele tanto abominava, e que dentro de uma ou duas horas o jardineiro levaria de lá o seu maravilhoso deus — já não um deus, mas um simples furão castanho numa gaiola. E sabia que a Mulher triunfaria sempre, como triunfava agora, e que ele ficaria mais e mais doente sob o jugo da sua sabedoria impertinente, tirânica e superior, até que um dia nada mais lhe importasse e o médico visse confirmado o seu prognóstico. E, aguilhoado e desgraçado pela derrota, começou a entoar, em voz alta e desafiadora, o hino do seu ídolo ameaçado:

*Sredni Vashtar avançou,
Com os pensamentos rubros e os dentes alvos.
Os seus inimigos clamavam pela paz, ele trouxe
a morte sobre eles.
Sredni Vashtar, o Belo.*

E então, de súbito, parou de cantar e aproximou-se do vidro da janela. A porta do galpão permanecia entreaberta, tal como fora deixada, e os minutos escorriam. Eram minutos longos, mas escorriam. Observou os estorninhos correndo e voando em pequenos bandos pelo relvado; contou-os uma e outra vez, sempre com um olho na porta oscilante. Uma criada de cara azeda entrou para pôr a mesa do chá, e Conradin continuou ali, esperando e observando. A esperança insinuara-se aos poucos no seu coração, e agora uma expressão de triunfo começava a arder nos seus olhos, que até então só haviam conhecido a melancólica paciência da derrota. Entre dentes, numa exultação furtiva, retomou o peã de vitória e devastação. E logo os seus olhos foram recompensados: pela porta saiu um animal comprido, baixo e amarelo-acastanhado, com os olhos semicerrados à declinante luz do dia e manchas escuras e úmidas no pelo em torno das mandíbulas e da garganta. Conradin caiu sobre os joelhos. O grande furão selvagem desceu até um pequeno riacho ao fundo do jardim, bebeu por um instante, depois atravessou uma pequena ponte de tábuas e perdeu-se de vista por entre os arbustos. Assim desapareceu Sredni Vashtar.

— O chá está pronto — disse a criada de cara azeda.
— Onde está a senhora?

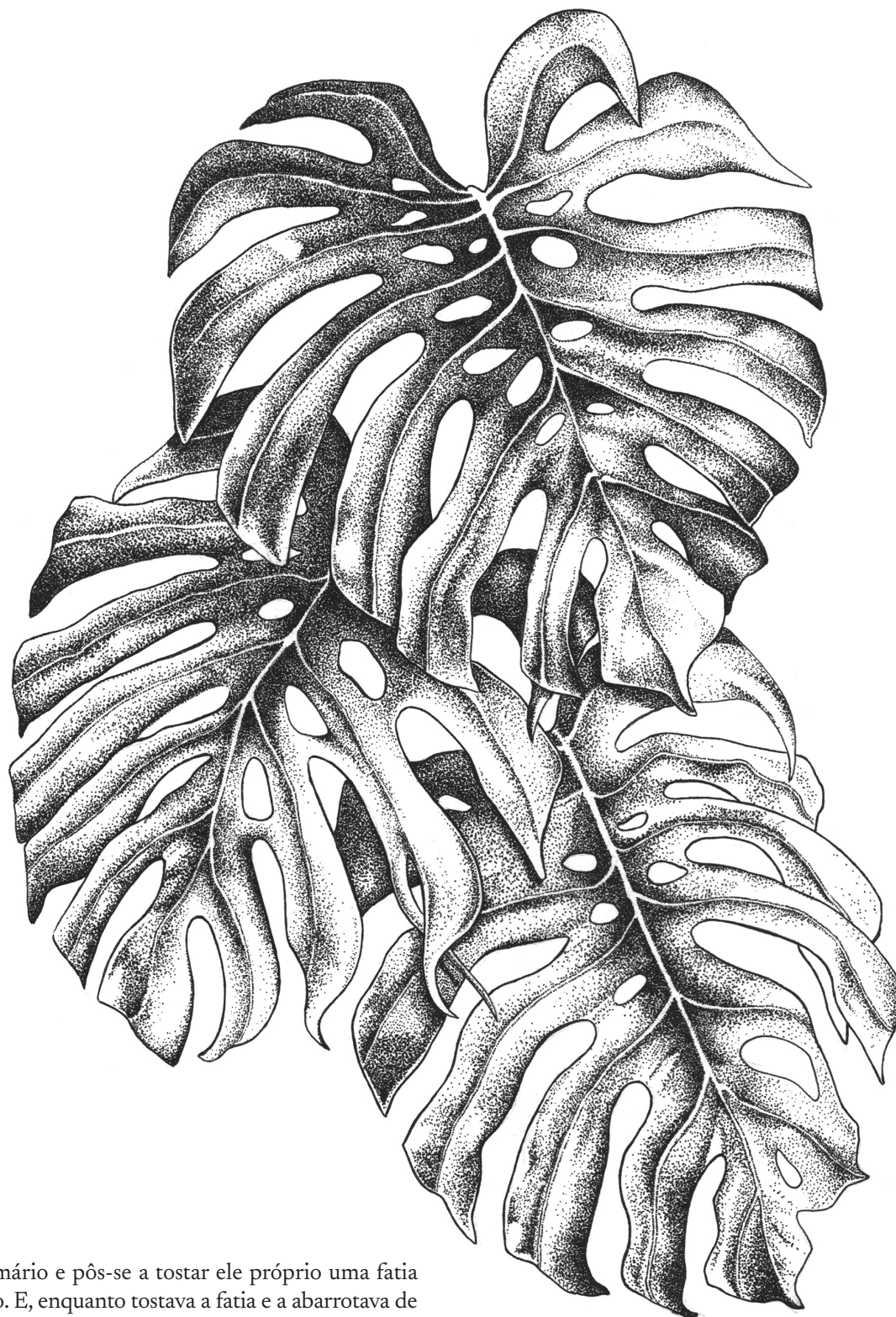
— Foi ao galpão faz algum tempo — respondeu Conradin.

E, enquanto a criada ia chamar a patroa para o chá, Conradin tirou um garfo de tostar da gaveta

do armário e pôs-se a tostar ele próprio uma fatia de pão. E, enquanto tostava a fatia e a abarrotava de manteiga e a comia lentamente e com deleite, escutava os ruídos e silêncios que irrompiam em rápidos espasmos para lá da porta da sala de jantar. O grito espalhafatoso e tolo da criada, o coro de exclamações admiradas vindo da cozinha, as passadas nervosas, as embaixadas apressadas em busca de ajuda exterior — e então, depois de uma pausa, os soluços assustados e o arrastar de pés daqueles que transportavam um fardo pesado para dentro de casa.

— Quem dará a notícia à pobre criança? Eu não consigo, por nada neste mundo! — exclamou uma voz estridente.

E, enquanto discutiam entre si, Conradin preparou outra torrada.



redemacuco.com.br
20 anos

Excelente a pizza sabor costela com batata frita da Brito’s, em Campo Largo (PR). Recomendo.

Pontos de distribuição do Jornal RelevO

<i>Alagoas</i>
MACEIÓ
Livraria Novo Jardim
<i>Amazonas</i>
MANAUS
Kalena Café
O Alienígena da Amazônia
Sebo Édipoeira
<i>Bahia</i>
JUAZEIRO
Sebo nas Canelas
ILHÉUS
Badauê Livros, Discos e Café
SALVADOR
Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS)
Livraria Escaríz
<i>Ceará</i>
FORTALEZA
Rede Jangada Literária
Reboot Comic Store
<i>Distrito Federal</i>
BRASÍLIA
Los Baristas Casa de Cafés
Oto Livraria
Quanto Café
<i>Espírito Santo</i>
DORES DO RIO PRETO
A Cafeteria
<i>Goiás</i>
GOIÂNIA
Livraria Palavrear
<i>Maranhão</i>
SÃO LUÍS
Rede Ilha Literária
<i>Mato Grosso</i>
CUIABÁ
Raro Ruído
Tcha por Discos - Vinyl Store
<i>Mato Grosso do Sul</i>
CAMPO GRANDE
Banca Modular
Ramita Cafés
DOURADOS
Livraria Canto das Letras
<i>Minas Gerais</i>
BELO HORIZONTE
Amoras Café
Café CentoeQuatro
Editora UFMG
Livrária da Rua
Livrária do Belas
Livraria Dona Clara
Livraria Jenipapo BH
Livraria Outlet de Livro
Quixote Livraria e Café
CÁSSIA
Livrária da Praça
ITAJUBÁ
Lume Livraria
Sebo da Cris
OURO PRETO
Rena Café
POÇOS DE CALDAS
Sebo Travessa Cultural
POUSO ALEGRE
Sebo Santa Sofia
SABARÁ
Sou de Minas, Uai
SÃO JOÃO DEL REI
Adro Mais Centro Cultural
Livraria Café Itatiaia
Taberna D'Omar
SÃO TOMÉ DAS LETRAS
Caverna Café
TIRADENTES
Cafeteria Tiradentes
UBERABA
Lemos & Cruz Livraria
UBERLÂNDIA
Maranta Livraria
Domus Brasilis Livraria
Maru Café Especial
Livraria Plural
Sabiá Livros
Samsara Espaço Esotérico
<i>Pará</i>
BELÉM
Rede Amazônia Literária
<i>Paraíba</i>
JOÃO PESSOA
Abô Botânica e Café
SOLÂNEA
Binário Café
<i>Paraná</i>
ARACÚARIA
Boutique Café
Casa Eliseu Voronkoff
Panificadora El Grano
Porão Cavalo Baio
COLOMBO
Livraria e Papelaria Colombo
Parque Municipal Gruta do Bacacetava

CURITIBA
Abuela Plantas
Ah! Cafeteria
Ainda Bem Café
Arcádia Sebo & Café
Argenta Cafés
Asterístico Café
Ateliê CADERNO LISTRADO
Baba Salim
Bardo Tatará
Bar Invasão do Teatro
Bar Makiolka
Bar Oteló
Ben Café
Biblioteca Pública do Paraná
Bondinho de Leitura da XV
Botanique Oásis
Brains Coworking
Brise Bar
Café & Confeitaria Avenida
Café 217
Café Cultura (Cabral)
Café do Canto
Café Degusto
Café Demoiselle
Café Encantado
Café do Espaço
Café do Mercado
Café do Viajante
Café e Livraria Solar do Rosário
Café Lisboa
Caffé Per Tutti Centro
Caffé Per Tutti Juvevê
Casa das Bolachas
Casa Luce
Casa Pagu
Casa Portfolio
Cataia Bar
Coffeeterie
Colégio Medianeira
CS Doce e Café
Dalat Café
Empório Kaveh Kanes
Estação Chelsea
Estação Literária Osório
Estúdio Latino de Design
Fabrika Pães & Café
Fingen Café
Five Lab
Fubá Café
Fuga Café
Fundação Cultural de Curitiba
Gabo Livros
Gerência Faróis do Saber
Giardino Café & Cappuccinaria
Gisele Farias Estética Avançada
Go Coffee Água Verde
Grân's Café
Grimm Haus Sebo & Livraria
Inked Café
Itiban Comics Shop
Isis Café
Janaíno Vegan Bar
Joaquim Livraria
Jokers Bar
La Belle Époque
Le Caffes Especiais
Liquori da XV
Livraria Arte & Letra
Livraria da Vila
Livraria do Chaín
Livraria Vertov
Love City
Lupita Bistrô Bar
Lynk Gastrô
Mabu Hotel
Maçã Padaria
Mad Jack Beer Lab
Madí Cafeteria e Empório
Maitê Livros
Mamãe Urso Café
Manana Café
Maniacs Brewing Co
Manifesto Café
MediaLuna Café
Nex House
Novo Café do Teatro
O Pensador Bar
Ópera Garden Café
Ostra Bêbada
Pão Prosa
Pango Café & Bar
Páprica Vegan
Passeio Café e Arte
Provence Boulangerie
Purple Reis
Rituais Casa de Café
Sala Café Living
Savarin Music
Sebinho FATO Agenda
Sebo Kapricho Marechal
Sebo Releituras Centro
Sebo Releituras Portão
Sebo Santos
SESC Paço da Liberdade
Space Cat
Solar do Barão
Supernova Coffee Roasters
Tangerina Café
Teatro Enio Carvalho
Teatro Guaíra Comunicação
Telaranha Livraria e Café
Temporal Cafés Especiais

Teatro Enio Carvalho
Teatro José Maria Santos
Tijolo CWB
Tumi Café
Universidade Positivo Santos Andrade
UFPR Prédio Histórico
UFPR Reitoria
UTFPR Bloco E
Utopia Tropical Chocolates
Veg e Veg
Vicafé
Viva la Vegan
Waamo Bar
FOZ DO IGUAÇU
Consciência Café
Europa Bar
Livraria Kunda
GUARAPUAVA
A Página Livraria
Gato Preto Discos e Livros
GUARATUBA
Odara Cafés Especiais
LONDRINA
Kings Café & Bar Londrina
Nosso Sebo
Olga A Livraria da Cidade
MARINGÁ
Kings Café & Bar Maringá
The Kingdom
MORRETES
Meu Pé de Serra Café
Solar de Morretes Hospedaria
Casa 1915 Pousada
PATO BRANCO
Alexandria Livraria e Cafeteria
PINHAIS
Café com Lente Jardins
Estação Curitiba Café
PONTA GROSSA
Cripto Cultural
Phono Pub
Sebo Espaço Cultural 1
Sebo Espaço Cultural 2
Verbo Livraria
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS
Sebo da Visconde
<i>Pernambuco</i>
PETROLINA
Café de Bule
RECIFE
Borsoi Café
Café Celeste
Casa Mendez
Livraria da Praça
Livraria do Jardim
Livraria Pô de Estrelas
Releitura
GRAVATÁ
Casa Mendez
<i>Piauí</i>
TERESINA
Café Quatro Estações
<i>Rio de Janeiro</i>
BÚZIOS
Maria Maria Café
CABO FRIO
Sebo do Lanati
DUQUE DE CAXIAS
Tecendo uma Rede de Leitura
MACAÉ
Sebo Cultural Livraria & Cafeteria
NOVA FRIBURGO
Dona Emília Books
Jenipapo Livraria
NOVA IGUAÇU
Baixada Literária
Comunitária Judith Lacaz
PARATY
Livraria das Marés
Livraria Muvuca
Mar de Leitores
RIO DE JANEIRO
Biblioteca Marginow
Blooks Livraria
Capitu Café
Casa 11 Sebo e Livraria
Jacarê Livros
Livraria Alento
Livraria Berinjela
Livraria Ceci
Livraria e Edições Folha Seca
Livraria Prefácio
Manga Rosa Café
Marofa Bar
Patas Café
Pequeno Lab
Solar dos Abacaxis
Triuno Livraria
TRÊS RIOS
Livraria Favorita
VOLTA REDONDA
Diadorim Livros e Idéias Pontual Shopping
Livraria Flamingo
<i>Rio Grande do Norte</i>
NATAL
Sebo Cata Livros
Sebo Rio Branco
PARNAMIRIM
Kave Casa Literária

VERSÃO
FEVEREIRO
DE 2026



349 PONTOS
3 PAÍSES
25 UNIDADES DA FEDERAÇÃO
108 CIDADES



Rio Grande do Sul

BENTO GONÇALVES
Dom Quixote Livraria e Cafeteria
Paparazzi Livraria
CANELA
Empório Canela
CANOAS
Pandorga Livros
CAXIAS DO SUL
Do Arco da Velha Livraria & Café
ERECHIM
Agridoce Livraria e Sebo
GRAMADO
Mania de Ler Bookstore
PORTO ALEGRE
Brasa Editora Livraria e Bar
Café & Galeria Devora
CirKula Editora, Livraria e Café
Livraria Clareira
Livraria Paralelo 30
Macun Livraria e Café
Rede Beabah
Sonda Pop Store
Ventura Livros
Via Sapiens Livraria & Editora
SANTA MARIA
Livraria e Grife UFSM

Rondônia
CACOAL
Nostalgia Sebo e Livraria

Roraima
BOA VISTA
Cafeteria Barracão do Poeta
Flying Fox Café

Santa Catarina
BALNEÁRIO CAMBÓRIU
Acaiá Café
ArtHouse BC
Cápsula Livraria
BLUMENAU
Rocinante Sebo
CAÇADOR
Livraria Selva Literária
CHAPECÓ
Humana Sebo & Livraria
CRICIÚMA
Sebo Alternativo
FLORIANÓPOLIS
O Barbeiro e O Poeta
Sebo Ivete
JOINVILLE
Casa 97
Koda Café Bistrô
Salvador Vegan Café, Livros e Discos
LAGES
Livraria Sebo Marechal
LAGUNA
Livraria Coruja Buraqueira
PORTO UNIÃO
Porto Presentes Papelaria
SÃO BENTO DO SUL
Dom Quixote Livros
TUBARÃO
Consulato Livraria

São Paulo
ARARAQUARA
Livraria Murad Sebo

BOTUCATU
Sebo Alfarrábio
CAMPOS DO JORDÃO
História sem Fim
CAMPINAS
Café Arte & Cultura
ESTRELOTECA Biblioteca Comunitária
Iluminações Livraria
Livraria Candeeiro
Sabiá Discos
Sebo Porão
Sebo Contracultura
Sebo das Andorinhas
COTIA
Livraria 3x4
DIADEMA
Sebo Campanário
FRANCA
Almanaque Livraria e Sebo
GUARULHOS
Guarulivros
ILHA COMPRIDA
Pousada Canto da Ilha
ITATIBA
Livraria Toque de Letras
ITUPEVA
Livraria e Sebo Pedras Preciosas
JUNDIAÍ
Livraria Leitura
MOGI-MIRIM
Banca do Sardinha
PENÁPOLIS
Arcana Sebo e Taverna
PIRACICABA
Sebo do Formiga
RIBEIRÃO PRETO
Livraria da Travessa Ribeirão
SANTOS
Realejo Livros
SANTO ANTÔNIO DO PINHAL
Livraria Mantiqueira
SÃO CAETANO DO SUL
Casa das Ideias
SÃO CARLOS
Livraria EDUFSCAR
SÃO JOÃO DA BOA VISTA
Bonnie Book Livraria & Café
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
Livraria Casa Nynho
Livraria do Espaço
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
Livrria e Papelaria Amo Ler Oriente
Livraria Planalto
SÃO PAULO
A Banca de Livros
Banca Tatui
Bar Balcão
Bibla
Café Colombiano
Café no Jardim 53
Caledônia Whisky & Co

Casa Brasilis
Casa de Livros
Cidade de Papel
Circulo Livraria
Coffee Lab
Comix Book Shop
Diálogos Embalados e Viagens Pedagógicas
Flanarte Livraria
Instituto Sarath
LiteraSampa - IBEAC
La Libreria
Livraria Bandolim
Livraria Cabeceira
Livraria Caraibas
Livraria da Tarde
Livraria das Perdizes
Livraria Lovely House
Livraria Na Nuvem
Livraria NoveSete
Livraria Ponta de Lança
Livraria Sebo Tucambira
Livraria Sentimento do Mundo
Livraria Simples
Livraria Tutear
Livraria UNESP
Livraria Zaccara
Lop Lop Livros
Mi&Mo Gato Café
Mundos Infinitos
Museu do Livro Esquecido
N'alma Café
O Café da Ponta
Patuá Discos
Patuscada Livraria, Bar & Café
Sabiá Discos
Sebinho da Helô
Sebo Alternativa
Sebo Desculpe A Poeira
Sebo do Messias
Sebo Pura Poesia
Selecta Livros
sobinfluência
UGRA PRESS
VINHEDO
Sebo Vinhedo

Sergipe
ARACAJU
Livraria Escariz

Tocantins
PALMAS
Sebo da Vovó

Além das fronteiras
PUERTO IGUAZÚ (ARGENTINA)
Tao Librería de Iguazú
RIVERA (URUGUAI)
Eclipsamor Livros

journalrelevO.com/sobre/encontre

Que tal se tornar um distribuidor do **Jornal RelevO** aí na sua cidade? Fale conosco: **contato@jornalrelevO.com**



Trecho de
Dias de luta

Se meu filho nem nasceu
Eu ainda sou o filho
Se hoje canto essa canção
O que cantarei depois?
Cantar depois...

Se sou eu ainda jovem
Passando por cima de tudo
Se hoje canto essa canção
O que cantarei depois?
Cantar depois...

Edgar
Scandurra